

BUCÓLICAS

Título: *Bucólicas*
Autor: Vergílio
Tradutor: Gabriel A. F. Silva

© Livros Cotovia e Gabriel A. F. Silva, Lisboa, 2019

Todos os direitos reservados.

ISBN 978-972-795-395-0

Índice

Vergílio

Bucólicas

Introdução

11

BUCÓLICAS

Bucólica I Introdução, tradução e notas por

33

Bucólica II GABRIEL A. F. SILVA

34

Bucólica III

37

Bucólica IV

37

Bucólica V

38

Bucólica VI

39

Bucólica VII

40

Bucólica VIII

41

Bucólica IX

42

Bucólica X

43

Glossário

49

Livros Cotovia

Índice

<i>Introdução</i>	11
BUCÓLICAS	
Bucólica I	23
Bucólica II	31
Bucólica III	37
Bucólica IV	47
Bucólica V	53
Bucólica VI	61
Bucólica VII	67
Bucólica VIII	73
Bucólica IX	81
Bucólica X	87
<i>Glossário</i>	93

Introdução

O autor

Públio Vergílio Marão nasceu nos idos de Outubro (dia 15) do ano 70 a.C., em Andes, localidade próxima de Mântua.¹ Pouco se sabe sobre a sua infância e os dados de que dispomos, muitos deles fornecidos pelos seus biógrafos, estão, não poucas vezes, envoltos em lendas. Parece, porém, que era proveniente de uma família humilde. O seu pai era camponês e casado com a filha de um funcionário público, mas com dinheiro suficiente para permitir que o filho estudasse fora da sua terra natal. Vergílio partiu primeiro provavelmente para Cremona (a 60 quilómetros de Mântua), depois para Milão, no ano 55 a.C., e, por fim, para Roma. Para Donato, um dos seus mais importantes biógrafos (de meados do século IV), Vergílio terá iniciado a sua carreira poética compondo os poemas que integram a chamada *Appendix Vergiliana* (Donato, *Vita Vergiliana* 17). Depois de abandonar os estudos de oratória em Roma, com cerca de 20 ou 25 anos, se fizermos fé no poema *Catalepton* 5, dedicou-se ao estudo da filosofia em Nápoles.

Após o assassinio de Júlio César, em 44 a.C., dá-se a perseguição dos conjurados pelas tropas de Marco António e Octaviano. A vitó-

¹ Reproduzo quase na íntegra a biografia de Vergílio presente em SILVA, G. A. F. (2019), *Vergílio. Géorgicas*, Livros Cotovia, Lisboa.

ria final foi na batalha de Filipos, em 42 a.C. Terminado o conflito, os triúnviros confiscaram terras no norte de Itália para as atribuírem aos veteranos dos seus exércitos, fazendo com que, ao que tudo indica, a família de Vergílio tenha perdido as suas propriedades. Este é um tema explorado em dois poemas das *Bucólicas* (1 e 9), publicadas provavelmente no ano 39 a.C.

O surgimento desta obra no panorama literário e cultural de Roma granjeou a Vergílio um êxito espantoso e terá sido por essa mesma altura que Asínio Polião, cônsul no ano 40 a.C., o apresentou a Mecenas, influente patrono das artes e das letras, próximo do círculo pessoal de Octaviano, o sobrinho-neto de César, e seu filho adoptivo, que viria a ganhar mais tarde o título de Augusto. Em 36 a.C., Vergílio começou a compor as *Geórgicas*, dedicando-as a Mecenas (*G.* 1.2). Constituindo um poema de grande erudição e de profundo amor à natureza e à sua terra, a sua composição durou cerca de sete anos, e terminou em 29 a.C., dois anos após a batalha de Áccio.

Sentia-se, porém, naquela altura, a ausência de um poema que louvasse em tons épicos a era de abundância, paz e prosperidade que se vivia desde que Octaviano assumira definitivamente o controle sobre o império, depois de vencer os exércitos de Marco António e Cleópatra em Áccio. Todos os grandes poetas da época, como Horácio e Propércio, testemunham ter havido alguma pressão para levarem a cabo esta tarefa, mas nunca a aceitaram. Não podemos, contudo, interpretar à letra as palavras dos poetas, uma vez que esta recusa (*recusatio*) é um tópico literário.

Acaba por ser Vergílio a encetar a escrita daquele que viria a ser o poema épico do regime augustano. É durante dez anos (29-19 a.C.) que o escreve laboriosamente, atrevendo-se a entrar no terreno da épica, cuja primazia pertencia a Homero. O interesse que despertou entre a elite intelectual romana terá sido imediato. É prová-

vel que Vergílio lesse, em contexto privado, alguns excertos dessa obra a outros membros do seu círculo íntimo de amigos e poetas, e Propércio (2.34.61-66) não esconde o entusiasmo que sentiu ao ouvir os primeiros versos da *Eneida*:

Que a Vergílio agrade poder cantar os litorais de Áccio
guardados por Febo, e a poderosa armada de César,
ele que agora faz reviver as armas do Troiano Eneas
e as muralhas erguidas nas praias de Lavínio.
Cedei o passo, ó escritores de Roma, cedei o passo, ó Gregos!
Está a nascer qualquer coisa maior do que a *Ilíada*.²

No ano 19 a.C., quando este *opus magnum* estava já muito perto de ser terminado, Vergílio viajou até à Grécia para poder confirmar várias informações presentes na *Eneida* e para ver com os seus próprios olhos muitos dos locais descritos na sua epopeia. Relata Donato que, antes de partir, Vergílio terá feito um último pedido a Vário, poeta e amigo: que queimasse a *Eneida*, caso algo lhe acontecesse (Donato, *Vita Vergiliana* 39) no período em que estivesse ausente (tema que inspirou o romance *Der Tod des Vergil* de Hermann Broch). Ao chegar a Atenas, Vergílio encontrou-se com Augusto, que voltava do Oriente, e acabou por regressar a Roma na sua comitiva. Porém, adoeceu ao visitar a cidade de Mégara e, já em Brundísio, recentemente chegado a Itália, o seu estado de saúde piorou substancialmente. Morreu no dia 21 de Setembro de 19 a.C., com honras fúnebres prestadas em Nápoles.

² Tradução portuguesa de PIMENTEL, M. C. (2002), in NASCIMENTO, A. (ed.), *Propércio. Elegias*, Assis-Lisboa, p. 147.

As *Bucólicas*

1. *Estilo e principais aspectos*

Bucólicas deriva de *Bucolicon*, uma forma do adjectivo *boukolikós* (“rústico”, “pastoril”). *Bucolicon Liber* significa, à letra, *Livro de Temas Pastoris*. Também na antiguidade a obra recebeu outro nome, *Éclogas*, termo que expressa a ideia de selecção e passou a designar cada um dos dez poemas isoladamente. No entanto, o *Codex Mediceus*, um dos principais e mais antigos manuscritos de Vergílio, datado do século V, refere *P. Vergili Maronis Bucolicon liber explicet*. A tradição atribui um título a cada composição, quase sempre o nome de um dos intervenientes. Diz Donato (*Vita Vergiliana* 302-315):

O número de éclogas é evidente, pois são dez, das quais sete são propriamente bucólicas, e destas excluem-se [três]: “Polião”, “Sileno” e “Galo”. Assim, a primeira trata de uma queixa pública, e de uma acção de graças privada sobre o campo e intitula-se “Títiro”; a segunda trata do amor de um jovem e intitula-se “Aléxis”; a terceira é uma competição de pastores e intitula-se “Palémon”; a quarta celebra um nascimento e intitula-se “Polião”; a quinta é um epitáfio e chama-se “Dáfnis”; a sexta trata de metamorfoses e chama-se “Varo” ou “Sileno”; a sétima fala do divertimento de pastores e chama-se “Córidon”; a oitava trata de amores de sexos diferentes e chama-se “Dámon” ou “Feitiçaria”; a nona trata da queixa pessoal do poeta sobre o campo perdido e chama-se “Méris”; a décima aborda o desejo de Galo por Volúmnia Citéris e chama-se “Galo”.

As *Bucólicas* são a primeira obra da maturidade poética de Vergílio e nascem no conturbado período que sucede à morte dos assassinos de Júlio César, que culmina com a expropriação de terras em território italiano. Após a publicação, o êxito foi tal que chegaram a ser cantadas em palco (Donato, *Vita Vergiliana* 90).

A acção dos poemas decorre num ambiente tranquilo e campestre, típico do *locus amoenus*, com alusões constantes a tenros prados, a árvores de larga sombra e à frescura das águas que correm nos rios. Vergílio, ao mesmo tempo, cria cenários irrealis e fantásticos, misturando elementos de paisagens distintas. A presença da Arcádia é fundamental; surge em quatro poemas, com referências que remetem para a simplicidade da vida, o contacto com a natureza, o amor e a música. É um mundo idealizado, uma utopia.

A composição das *Bucólicas* ter-se-á prolongado por três anos (ca. 42-39 a.C.) e muitas são as questões que se põem aos estudiosos da obra, nomeadamente sobre a ordem dos poemas dentro do livro. Praticamente todos eles encontram-se ligados por linhas temáticas:

- 1 e 9: expropriação de terrenos.
- 2 e 8: amor.
- 3 e 7: competição de pastores.
- 4 e 6: poemas de tema não bucólico.
- 5 e 10: embora não contenham um tema comum, exibem elementos que permitem emparelhá-las.

Na esteira de Teócrito, Vergílio é o primeiro poeta romano a entrar no caminho do bucolismo, marcando de tal forma o género que criou um estilo próprio que seria profusamente imitado nos séculos seguintes. Com estes poemas, Vergílio não só utilizou a linguagem e estilo do género literário em questão, como dotou os seus poemas de refinamento, ao estilo neotérico (note-se, entre outras, influências de Catulo), visível na disposição das palavras no verso e no vocabulário de estilo helenizante. Para o poeta Horácio (*Sátiras* 1.10.44-45), as Musas concederam a Vergílio um estilo suave e elegante:

delicadeza e elegância
outorgaram a Vergílio as Camenas que adoram o campo.

Molle e facetum são as palavras empregadas por Horácio. A primeira adequa-se ao tipo de poesia que Vergílio escreve e aplica-se a géneros considerados “menores”, como o bucolismo ou a elegia. O adjectivo *facetus*, por sua vez, pode significar “engraçado” mas, neste contexto, significa “elegante”, ideia já defendida na antiguidade por Quintiliano, professor de retórica do século I d.C. Ao referir o estilo de Vergílio nas *Bucólicas*, Horácio realça a inovação e a sofisticação, contrapondo-as à simplicidade e rudeza do campo.

Nas *Bucólicas*, o poeta joga igualmente com a musicalidade da língua latina; dos vários exemplos, o mais marcante será o primeiro verso da obra:

Tityre, tu patulae recubans sub tegmine fagi

Segundo muitos estudiosos, a cadência aliterante deste verso remete para o som das flautas dos pastores, devido ao uso abundante dos sons [i] e [u]. Observando a métrica, notar-se-á um número equilibrado de sílabas longas e breves, que dá ao verso um ritmo mais rápido. O som produzido pelo jogo vocálico lembra o som da flauta. A língua portuguesa, no entanto, perdeu a noção das quantidades vocálicas do latim, pelo que o ouvido moderno já não está preparado para algumas subtilezas da língua do Lácio.

*

As personagens das *Bucólicas* não são apenas pastores anónimos que, à sombra de árvores, competem entre si num certame poético. Em vários momentos, Vergílio dirige-se ou alude a figuras reais suas

contemporâneas; Octaviano, Asínio Polião, Alfeno Varo, Cornélio Galo, Lúcio Vário Rufo e Hélvio Cina, por exemplo. Sendo as *Bucólicas*, em grande parte, poesia panegírica, alguns dos poemas são escritos em função destas personalidades romanas com influência directa na vida de Vergílio. Aos leitores modernos escapam muitas destas referências.

Pensa-se que Vergílio tenha tido a ajuda de Asínio Polião e de Alfeno Varo no ressarcimento das propriedades que lhe foram confiscadas pelos triúnviros após a batalha de Filipos. Cornélio Galo, amigo de Vergílio e próximo de Asínio Polião, poderá, igualmente, ter ajudado Vergílio. A presença destes nomes fora do excuro bucólico serve de ligação ao mundo real, pois todos eles eram amplamente conhecidos, quer pelas suas actividades políticas, quer pelo talento literário, e é clara a intenção de Vergílio de lhes prestar homenagem ou de realçar a sua importância na sociedade de então.

2. Modelos e influências

Muitos são os autores clássicos, gregos e latinos, que influenciaram Vergílio na composição das *Bucólicas*, sendo Teócrito (século III a.C.) o nome mais soante. Natural, ao que tudo indica, de Siracusa, terá vivido em Cós e Alexandria, no tempo de Ptolemeu II.

Teócrito é considerado o inventor do género bucólico por ter composto os *Idílios*, conjunto de poemas pastoris escritos em hexâmetro dactílico, o metro da poesia épica. A sua escrita obedece ao gosto helenístico da época; o poeta faz composições breves, porém extraordinariamente complexas; os seus pastores utilizam uma linguagem por vezes coloquial e ligeiramente obscena, dialogam e cantam sobre as suas agruras de amor, sobre as suas alegrias, mas ao

mesmo tempo reflectem, numa linguagem mais urbana e refinada, a sofisticação do autor. As paisagens revelam o gosto de Teócrito pelo campo, embora, como se pensa, tenha vivido na cidade; assim, o seu mundo campestre é idealizado mas coerente, ao contrário do que muitas vezes acontece em Vergílio.

Teócrito influenciou o poeta romano na expressão e no estilo, mas sobretudo no conteúdo dos poemas. Veja-se, a título de exemplo, o *Idílio* XI, que tem o ciclope Polifemo como personagem central, perdidamente apaixonado por Galateia; esse episódio ecoa claramente na *Bucólica* II, que apresenta o jovem Córídon sofrendo de um amor não correspondido. Também na adaptação que Vergílio, na *Bucólica* VIII, faz do *Idílio* II, o pastor Alfesibeu narra um ritual de magia erótica protagonizado por uma personagem anónima, à semelhança do ritual feito por Simeta.

Calímaco, autor do século III a.C., bibliotecário de Alexandria e expoente da estética alexandrina, é outro nome a destacar. Poeta modelar, constitui uma peça-chave para o entendimento de praticamente toda a poesia latina da segunda metade do século I a.C. No início da *Bucólica* VI (versos 3-8), diz Vergílio:

Quando eu cantava reis e batalhas, Cíntio puxou-me a orelha e admoestou-me: “Ao pastor, ó Títiro, convém apascentar a gorda ovelha e cantar um poema ligeiro.” Agora eu — pois na verdade haverá quem queira cantar os teus louvores, ó Varo, e cantar as funestas guerras — cantarei com uma flauta delgada um poema campestre.

O poeta declara que, no momento em que cantava poesia épica, Apolo se aproximou dele, advertindo-o de que os pastores devem alimentar as gordas ovelhas, mas os poemas devem ser leves. A seguir, o sujeito poético propõe afastar-se dos temas mais elevados e dedicar-se à poesia bucólica com uma flauta delgada. Esta recusa

(*recusatio*) é um tópico literário de tradição bastante anterior a Vergílio, e remonta, pelo menos, ao século III a.C. com Calímaco. Este, no prólogo da sua obra mais conhecida, os *Aetia* (*Origens*), sustenta estes preceitos e utiliza, nos versos 21-24, a imagem recuperada por Vergílio na *Bucólica* VI:

Na verdade, quando pela primeira vez a tabuinha coloquei sobre os joelhos, foi isto que me disse Apolo Liceu: “Lembra-te, querido aedo, que embora o animal para o sacrifício deva ser o mais gordo possível, a Musa, caro amigo, deve ser delgada (...)”³

Tanto Calímaco quanto Vergílio se referem à poesia como “Musa”, afirmando que esta deve ser delgada, isto é, refinada e trabalhada, por oposição ao animal para o sacrifício, que deve ser gordo. E, na verdade, os poetas do período helenístico deram nova atenção à posição dos poemas no livro ou das palavras no verso. É, assim, significativo que Vergílio escolha o início de um poema central para fazer este testamento poético, óbvia filiação na estética literária de Calímaco.

3. A tradução

Para a tradução segui o texto estabelecido por R. A. B. Mynors (Oxford, 1969). Para as notas e glossário, utilizei essencialmente os comentários de Robert Coleman e de Wendell Clausen (ambos referidos nas “Leituras posteriores”).

É do conhecimento geral que a tradução não é um exercício fácil, sobretudo a de um autor como Vergílio, para muitos considerado intraduzível. Tentei manter-me o mais fiel possível ao original,

³ Tradução portuguesa de LOURENÇO, F. (2004), in *Grécia Revisitada*, Lisboa, p. 125.

utilizando uma linguagem clara e directa, e respeitando ao máximo o estilo do autor, consciente, porém, de que muitas são as coisas que se perdem.

4. Leituras posteriores

Para uma explicação geral, em português, sobre a poesia de Vergílio, ver ROCHA PEREIRA, M. H. (2009⁴), “Grande síntese cultural da obra virgiliana”, in *Estudos de História da Cultura Clássica*, vol. 2, Lisboa, pp. 246-327.

Relativamente a comentários, saliento os dois principais em língua inglesa: COLEMAN, R. (1977), *Vergil. Eclogues*, Cambridge; CLAUSEN, W. (1994), *Virgil. Eclogues. With an Introduction and Commentary*, Oxford.

Se o leitor estiver interessado em aspectos mais específicos das *Bucólicas*, poderá consultar a colectânea de estudos de VOLK, K. (2008), *Vergil's Eclogues. Oxford Readings in Classical Studies*, Oxford-New York.

Bucólicas

O tema deste poema são as expropriações agrícolas que decorreram desde a batalha de Filipos até depois do conflito de Áccio.

Dois pastores, com sortes diferentes, são protagonistas: Títiro e Melibeu; e se o primeiro entoa a sua música sob a sombra de uma árvore, livre do problema do confisco de terras, o segundo vê-se privado dos seus territórios. Títiro fora escravo, mas conseguiu comprar a liberdade, e Melibeu pergunta-lhe porque razão quis tanto ver Roma. A resposta é uma das chaves do poema: *libertas, a liberdade*.

Na esperança de liberdade, Títiro parte para Roma onde vê Octaviano Augusto, ainda um jovem cujo nome não se refere; alude-se, assim, à figura do princeps e às medidas que este desenvolvia ao preparar-se para assumir o controlo da situação política de Roma. *Libertas* era a máxima de Octaviano e dos seus apoiantes, uma vez que o filho adoptivo de Júlio César se fez conhecer por *libertatis populi Romani uindex* (vingador da liberdade do povo romano) durante a sua campanha propagandística e militar.

A segunda parte (v. 46) é formada por dois discursos de Melibeu, em que ele felicita Títiro e, seguidamente, lamenta o seu próprio infortúnio, pois não sabe quando poderá voltar a ver as suas terras e tudo quanto lá deixou. Face à desgraça que assola a vida de Melibeu, Títiro a convida-o a passar a noite consigo, oferecendo-lhe comida e cumprindo os deveres de hospitalidade.

MELIBEU

Ó Títiro, tu, reclinado sob a larga ramagem de uma faia,
compões a Musa silvestre com uma delgada flauta.¹
Nós abandonamos os limites da pátria e os doces campos.
Somos expulsos da pátria. Tu, Títiro, tranquilo, à sombra,
5 ensinas os bosques a ressoar a “bela Amarílis”.²

TÍTIRO

Ó Melibeu, foi um deus que nos deu estes lazeres,³
pois para mim ele será sempre um deus: um tenro cordeiro
dos nossos redis tingirá sempre de sangue o seu altar.
Ele permitiu que as minhas vacas andassem à solta, como vês,
10 e que eu compusesse o que entendesse com a flauta campestre.

MELIBEU

Não te tenho inveja, antes admiração: tanta é a desordem
que vai nos campos por todo o lado! Vê, eu próprio, infeliz,

¹ Traduz-se por “delgada” o adjectivo *tenuis*. Este termo remete para a estética literária de Calímaco. Ver a página 19 da Introdução. Por “Musa” entende-se “canção”.

² A “bela Amarílis” é uma canção.

³ Alusão a Octaviano, futuramente Augusto.

levo as cabrinhas sem parar; até esta, a custo, Títiro, a guio.
 Aqui, entre densas aveleiras, deu à luz: numa rocha nua,
 15 ai!, ali deixou os gêmeos, a esperança do meu rebanho.
 Lembro-me de que — oh, se não tivesse pensado mal! —,
 amiúde os carvalhos atingidos pelos raios predisseram
 esta desgraça. Mas diz-me, ó Títiro, quem é esse teu deus.

TÍTIRO

Eu, ingénuo, achava que a cidade chamada Roma, Melibeu,
 20 era parecida com esta nossa, onde nós, pastores, costumamos
 muitas vezes levar os tenros cordeiros separados das ovelhas.
 Sabia os cachorros semelhantes às cadelas e os cabritos
 às mães, e costumava comparar coisas grandes com pequenas.
 Na verdade, esta ergueu tanto a cabeça entre as outras cidades
 25 quanto os ciprestes costumam erguer-se entre flexíveis viburnos.

MELIBEU

E qual foi essa razão tão grande para veres Roma?

TÍTIRO

A liberdade. Embora tardia, ela viu-me, na minha inércia,
 quando a barba ao ser cortada se pôs a cair mais branca.
 Apesar de tudo, viu-me, e veio até mim após tanto tempo,
 30 agora que sou de Amarílis, depois de Galateia me deixar.
 E, na verdade (confesso), quando eu era de Galateia
 não tinha esperança de ser livre, nem cuidado com o pecúlio.⁴
 Embora muitas fossem as vítimas a sair dos meus redis,

⁴ Referência ao estatuto social de Títiro. O pecúlio de um escravo do campo consistia, por vezes, numa parte de um rebanho de que ele cuidava. Segundo Cícero, alguns escravos conseguiam amearhar dinheiro suficiente para, ao fim de cinco ou seis anos, comprarem a sua liberdade.

e cremoso fosse o queijo espremido para a cidade ingrata,
 35 jamais a minha mão voltava a casa cheia de dinheiro.

MELIBEU

Admirava-me porque chamavas, triste, os deuses, Amarílis,
 e para quem deixavas os frutos pendurados na árvore.
 Títiro estava ausente daqui. Até os próprios pinhais, Títiro,
 e as próprias fontes, e os próprios vinhedos te chamavam.

TÍTIRO

40 Que havia de fazer? Não me era possível sair da servidão,
 nem conhecer noutro lugar deuses tão prontos a ajudar.
 Aqui vi aquele jovem, ó Melibeu, em honra de quem
 os nossos altares fumegam doze dias por ano.⁵
 Aqui ele respondeu de imediato ao meu pedido:
 45 “Apascentai bois, rapazes, como antes. Criai touros.”

MELIBEU

Ó ancião afortunado, assim teus permanecerão os campos
 e suficientemente grandes para ti, ainda que pedras nuas
 e um pântano com limoso junco invadam as tuas pastagens.
 Mas pastos estranhos não tentarão as tuas fêmeas prenhes,
 50 nem o contágio malsão de rebanho vizinho te será nocivo.
 Ó ancião afortunado, aqui, entre rios tão familiares
 e fontes sagradas, deleitar-te-ás com a frescura da sombra.
 De um lado, como sempre, junto do carreiro vizinho,
 a sebe onde as abelhas do Hibla sorvem as flores de salgueiro
 55 muitas vezes te aliciará ao sono com suave sussurro.
 Do outro, na base de alto penhasco, o podador cantará

⁵ Novamente, referência a Octaviano.

para as brisas, e nem os roucos pombos-bravos, tua paixão,
nem a rola deixarão de gemer lá do cimo do ulmeiro.

TÍTIRO

Assim, mais depressa os veados pastarão pairando no céu
60 e os mares abandonarão na praia os peixes a seco;
mais depressa, tendo saído das suas próprias fronteiras,
o exilado Parto beberá do Árar ou a Germânia do Tigre,
do que o rosto dele desaparecerá do meu coração.

MELIBEU

Mas nós daqui iremos, uns para os sedentos Africanos,
65 outros para a Cítia, e iremos para o Oaxes, que arrasta greda,
e para os Britanos totalmente afastados do mundo inteiro.
Ah!, acaso algum dia, muitos anos volvidos, verei a minha terra
e o telhado da minha pobre cabana, coberto de colmo,
e verei, espantado, umas poucas espigas, outrora o meu reino?
70 Um ímpio soldado será dono destes campos tão bem cuidados,
um bárbaro destas searas. Eis até onde a discórdia conduziu
os infelizes cidadãos. Para aqueles cuidámos dos campos!
Enxerta agora, Melibeu, as pereiras, põe as videiras alinhadas.
Ide, rebanho outrora feliz, ide, ó minhas cabrinhas.
75 Daqui em diante, eu, deitado numa gruta verdejante,
não mais vos verei ao longe, no alto de um rochedo sarçoso.
Não mais cantarei canções. Sendo eu vosso pastor, ó cabrinhas,
não mais colhereis a luzerna em flor nem os salgueiros amargos.

TÍTIRO

Aqui, porém, podias descansar comigo esta noite,
80 deitado sobre verde folhagem. Eu tenho frutos maduros,
castanhas tenras e abundância de queijo espremido.

E lá ao longe já fumegam os cimos dos telhados das casas
e, mais compridas, do cimo dos montes, caem as sombras.

O principal modelo desta Bucólica é o Idílio XI de Teócrito, protagonizado pelo ciclope Polifemo, que é diferente daquele que Homero nos legou na Odisseia; o monstro rude descrito por Homero deu lugar a uma criatura apaixonada pela ninfa Galateia e que, por não ser correspondido, sofre.

Vergílio substitui Polifemo e Galateia por dois jovens: Córidon e Aléxis. Tal como o ciclope, Córidon ama, mas não vê qualquer retorno desse sentimento. Se Vergílio perde o efeito cómico de Teócrito ao trocar Polifemo por um jovem rapaz, também torna o texto mais real e próximo do leitor.

Córidon discorre sobre a oposição entre a cidade e o campo, o amor e o trabalho; revela um estado de alheamento, causado pelo sofrimento (tópico que será amplamente trabalhado pelos poetas elegíacos). A presença de um par homossexual em composições poéticas não constitui uma novidade de Vergílio, pois é um tema bastante trabalhado em vários epigramas da Antologia Grega.

O pastor Córidon ardia de paixão pelo formoso Aléxis, graça do seu senhor, mas sem esperança em coisa alguma. Apenas vinha muitas vezes para o meio de densas faias de umbrosas copas. Aí, solitário, lançava estes cantos

5 sem arte aos montes e aos bosques, num esforço vão:

“Ó cruel Aléxis, não te interessam as minhas canções? Não tens pena de mim? Queres levar-me, enfim, à morte? Neste momento, os animais buscam a frescura das sombras, também os verdes lagartos agora se escondem nos silvados

10 e para os ceifeiros, esgotados pelo sol abrasador, Téstilis esmaga alhos e tomilho, ervas tão aromáticas. Comigo só, ao caminhar sobre as tuas pegadas, as árvores ecoam as roucas cigarras sob o sol ardente. Acaso não seria melhor eu suportar as azedas iras de Amarílis

15 e a sua soberba arrogância? Acaso suportar Menalcas, embora ele seja de tez escura e tu sejas tão branco? Ah! belo rapaz, não confies demasiado na cor da pele! Os brancos ligustros caem, os negros mirtilos são colhidos. Para ti sou desprezível. Nem perguntas quem sou, Aléxis,

20 quão rico sou em gado, ou quão abundante em níveo leite. Mil ovelhas minhas vagueiam pelos montes da Sicília,

não me falta leite fresco nem no Verão, nem no Inverno.
 Canto o que Anfíon de Dirce costumava cantar
 sempre que chamava os rebanhos no Aracinto da Ática.
 25 Eu até nem sou malfeito. Ainda há pouco me vi à beira-mar,
 quando, sem vento, as ondas estavam calmas. Dáfnis eu não
 recearia, tendo-te como juiz, se o espelho jamais engana.
 Oh!, se apenas te agradasse viver comigo nos modestos
 campos e em casebres humildes, e caçar cervos,
 30 e levar o rebanho de cabritos para o verdejante hibisco!
 Junto a mim, nos bosques, imitarás Pã a tocar flauta
 (Pã foi quem primeiro ensinou a juntar com cera canas
 diversas, Pã cuida das ovelhas e dos pastores das ovelhas).
 E não te arrependas de trilhar os labiozinhos com a flauta.
 35 Que não faria Amintas para saber estas canções?
 Tenho uma flauta de sete canas de tamanhos diferentes,
 que em tempos Dametas me ofereceu como presente
 e ele disse ao morrer: “Ela agora tem-te como segundo dono”.
 Disse Dametas; e o tolo do Amintas ficou com inveja.
 40 Além disso, tenho duas corças encontradas num vale
 perigoso, ainda com as peles salpicadas de branco.
 Duas vezes ao dia secam os úberes da ovelha. Guardo-as para ti.
 Já há muito que Téstilis me pede para as levar daqui,
 e fá-lo-á, já que os meus presentes te causam repulsa.
 45 Vem para aqui, belo rapaz! Eis que para ti as Ninfas
 trazem lírios em cestos cheios. Para ti a alva Náíade,
 colhendo pálidas violetas e as flores das papoilas,
 junta o narciso e a flor do endro de odor agradável.
 Então, entretecendo-as com cássia e outras ervas perfumadas,
 50 pinta os jacintos flexíveis com calêndulas douradas.
 Eu próprio colherei marmelos brancos de macia lanugem,
 e castanhas, que a minha Amarílis costumava adorar.

Juntarei ameixas cor de cera (também este fruto terá dignidade),
 e a vós, loureiros, colher-vos-ei, e a ti, murta vizinha,
 55 e assim postos misturareis os vossos suaves aromas.
 És um rústico, Córidon! Aléxis não dá importância às tuas prendas,
 nem se competisses em presentes Iolas se daria por vencido.
 Ai, ai! Que foi que fui querer, pobre de mim? Contra as flores
 o Austro lancei, desesperado, e os javalis nas fontes cristalinas.
 60 De quem foges, ah!, louco? Até os deuses viveram nos bosques,
 até o dardânio Páris. Que Palas habite a cidadela que fundou:
 mas a nós, que nos agradem acima de tudo os bosques.
 A leoa ameaçadora persegue o lobo, o próprio lobo a cabrinha,
 a cabrinha atrevida persegue a luzerna florida, a ti persegue
 65 Córidon, ó Aléxis. Cada um é arrastado pelo próprio desejo.
 Olha, os bezerros trazem de volta os arados suspensos do jugo,
 e o sol ao pôr-se duplica as sombras que vão crescendo.
 A mim, porém, abraza-me o amor: que limite há para o amor?
 Ah, Córidon, Córidon, que loucura te tomou!
 70 A tua videira ficou meio podada no frondoso ulmeiro.
 Porque não procuras antes fazer algo que te faça falta,
 como entrançar vimes e o flexível junco?
 Se ele não quer saber de ti, hás-de encontrar um outro Aléxis.”

Esta será uma das composições poéticas mais antigas desta colectânea. Juntamente com a segunda Bucólica, forma um díptico encaixado entre a primeira e a quarta, atípicas devido aos temas tratados.

A primeira parte é um diálogo entre os pastores Dametas e Menalcas (vv. 1-54), que preparam a competição agonística. A segunda parte (vv. 60-107) apresenta o certame poético, com um total de vinte e quatro dísticos, realizado em cantos alternativos (cantos amebeus). A disputa termina com um empate decidido por uma terceira figura, Palémon.

A influência dos cantos amebeus vem já de Teócrito, particularmente dos Idílios 5 (Comatas e Lácon), 6 (Dáfnis e Dametas), 8 (Dáfnis e Menalcas) e 9 (Dáfnis e Menalcas), provavelmente invocando uma tradição de cantares da Sicília, terra natal do poeta. Ao ir buscar dois nomes directamente à poesia pastoril de Teócrito, Vergílio afirma a sua filiação nessa corrente do bucolismo. E, com a alusão às figuras de Asínio Polião, Bávio e Mévio, seus contemporâneos, Vergílio aproxima o leitor de então da sua própria realidade.

MENALCAS

Diz-me, ó Dametas, de quem é este rebanho? De Melibeu?

DAMETAS

Não, na verdade é de Égon. Égon confiou-mo há pouco.

MENALCAS

Ó ovelhas, rebanho sempre infeliz! Enquanto o dono acaricia Neera e receia que ela me prefira a ele, um pastor
5 alheio ordenha duas vezes por hora as ovelhas,
roubando o leite aos cordeiros e o suco vital ao rebanho.

DAMETAS

Olha porém que isso deve ser dito aos homens com cuidado. Sabemos quem estava contigo quando os bodes te olharam de soslaio, e em que santuariozinho... (mas as Ninfas, benévolas, riram-se).

MENALCAS

10 Foi sem dúvida quando me viram cortar as árvores de suporte da vinha de Mícon e as jovens videiras com uma maligna foice.

DAMETAS

Ou aqui, quando, junto das antigas faias, partiste o arco
de Dáfnis e as flechas, aquelas que tu, perverso Menalcas,
quando as viste serem dadas a um rapaz, levaste a mal;
15 e se não lhe tivesses feito coisa ruim, terias morrido.

MENALCAS

Que poderão fazer os donos com ladrões tão ousados?
Acaso não te vi, ó detestável, roubar o bode a Dámon
por meio de um ardil, enquanto Licisca ladrava muito?
E quando me pus a gritar: “Para onde foge ele agora?”
20 Títiro, cuidado com o rebanho!” escondias-te atrás dos carriços.

DAMETAS

Porventura ele, que eu venci no canto, não deveria dar-me
o bode que a minha flauta ganhou com as suas canções?
Se não sabes, aquele bode era meu. O próprio Dámon
o admitia, mas dizia que não mo podia entregar.

MENALCAS

25 Tu venceste-o no canto? Mas alguma vez tiveste uma flauta
unida com cera? Tu, ó inculto, não costumavas nos cruzamentos
despedaçar uma pobre canção com uma flauta estridente?

DAMETAS

Queres, então, que comprovemos o que cada um pode fazer
em cantos alternados?¹ Eu aposto esta bezerra. Não a rejeites,
30 pois vem duas vezes até ao tarro, e alimenta duas crias.
Diz-me então o que apostas para competir comigo.

¹ Cantando alternadamente, ou seja, em cantos amebus.

MENALCAS

Não ousaria apostar contigo animal algum do meu rebanho.
Tenho em casa um pai e uma madrastra má: contam os dois
o rebanho duas vezes ao dia, e um deles até os cabritos.
35 Mas vou apostar algo que admitirás ser muito melhor,
já que te agrada perder a cabeça: estas taças de faia,
obras cinzeladas pelo divino Alcimedonte.
Nelas, uma flexível videira realçada por hábil cinzel
reveste os cachos esparsos com esbranquiçada hera.
40 No meio há duas figuras: Cónon e... quem era aquele
que com uma vara traçou todo o céu para os povos,
as estações para o ceifeiro e para o curvado lavrador?²
Ainda não as levei aos lábios, tenho-as antes guardadas.

DAMETAS

Também para mim Alcimedonte fez duas taças:
45 cingiu-lhes as asas à volta com flexível acanto
e no meio colocou Orfeu e os bosques que o seguiam.
Ainda não as levei aos lábios, tenho-as antes guardadas.
Se só olhas para a bezerra, não tens razão para louvar as taças.

MENALCAS

Hoje já não me escaparás. Virei para onde me disseres.
50 Que ouça isto apenas quem agora chega: olha, é Palémon.
Farei com que, depois de hoje, nunca mais desafies ninguém.

² Há várias hipóteses para a personagem mencionada, sendo as mais prováveis: Eudoxo, cujos *Fenómenos* foram versificados por Arato, um dos grandes poetas helenísticos; Arquimedes, o célebre matemático e cientista do período helenístico; Cónon, amigo de Arquimedes, que concebeu uma extraordinária esfera celeste.

DAMETAS

Vamos! Se é que tens algo para cantar. Por mim, não haverá demoras, nem fujo de ninguém. Põe, ó vizinho Palémon, toda a atenção nisto: não é assunto de pouca importância.

PALÉMÓN

55 Cantai, agora que estamos sentados na erva macia.
Agora todo o campo floresce, as árvores todas desabroçam, agora os bosques ficam frondosos, é a época mais bela do ano. Começa tu, Dametas. Tu és a seguir, Menalcas. Cantareis alternadamente. As Camenas amam cantos alternados.

DAMETAS

60 De Júpiter vem o princípio, Musas: de Júpiter tudo está cheio.
Ele tem carinho pelas terras, ele tem interesse pelos meus versos.

MENALCAS

Febo ama-me. Para Febo tenho sempre os seus presentes em minha casa: loureiro e jacinto levemente avermelhado.

DAMETAS

65 Galateia acerta-me com uma maçã, rapariga atrevida,³
e foge para junto dos salgueiros, mas antes quer ser vista.

MENALCAS

Amintas, o fogo que me abrasa oferece-se livremente a mim, de tal modo que Délia já não é familiar aos meus cães.

³ Atirar uma maçã a alguém era um sinal de interesse por essa pessoa.

DAMETAS

Arranjei presentes para a minha Vénus. Na verdade, eu mesmo anotei o lugar lá em cima onde os pombos-bravos fizeram ninho.

MENALCAS

70 Enviei ao meu rapaz — foi o que pude — dez maçãs douradas,
colhidas de uma macieira-brava. Amanhã enviarei outras tantas.

DAMETAS

Ó quantas vezes e de que coisas Galateia me falou!
Parte delas, ó ventos, levai aos ouvidos dos deuses!

MENALCAS

75 De que serve que não me desprezes no teu coração, Amintas,
se, enquanto tu persegues javalis, eu apenas trato das redes?⁴

DAMETAS

Envia Fílis até mim. É o meu dia de aniversário, Iolas.
E quando pelas colheitas, eu sacrificar uma bezerra, vem tu próprio.

MENALCAS

Amo Fílis mais que todas as outras. E, de facto, chorou quando parti e disse-me longamente: “Adeus, adeus, ó meu belo Iolas.”⁵

DAMETAS

80 O lobo é nefasto para os redis, as chuvas para as searas maduras,
os ventos para as árvores, e as cóleras de Amarílis para mim.

⁴ Referência a uma tarefa menor da caça: guardar as redes onde os animais irão cair acossados pelos caçadores.

⁵ Menalcas imagina-se no lugar de Iolas na despedida de Fílis.

MENALCAS

A água é doce para as searas, para os cabritos desmamados o medronheiro,
o flexível salgueiro para o rebanho prenhe; para mim, apenas Amintas.

DAMETAS

Polião ama, embora seja rústica, a minha Musa:
85 ó Piérides, apascentai a bezerra para o vosso leitor.

MENALCAS

Também Polião faz novos poemas: pastai um touro
que já invista com os cornos e espalhe areia com os cascos.

DAMETAS

Quem te amar, ó Polião, que venha para onde te agrada estar.
Que para ele jorre mel e a áspera silva produza cardamomo.

MENALCAS

90 Quem não odeia Bávio, que goste dos teus versos, Mévio,
e ele mesmo atrele raposas ao jugo e ordene os bodes.

DAMETAS

Vós, ó rapazes que colheis flores e morangos que brotam
na terra, fugi daqui! Esconde-se na erva uma fria serpente.

MENALCAS

Refreai-vos, ó ovelhas, de avançar demasiado. As margens
95 são traiçoeiras. Ainda agora o carneiro seca a sua pelagem.

DAMETAS

Ó Títiro, afasta do rio as cabrinhas que por lá pastam.
Eu próprio, quando for o tempo, irei lavá-las todas na fonte.⁶

⁶ Mergulhar as ovelhas nas fontes e rios era uma forma de prevenir as doenças que assolavam os rebanhos.

MENALCAS

Juntai as ovelhas à sombra, rapazes. Se o calor estragar o leite,
como há pouco, em vão apertaremos os úberes com as mãos.

DAMETAS

100 Ai, ai! Quão magro está o meu touro nesta abundante ervilhaca!
O amor é tão ruim para o rebanho como para o seu pastor.

MENALCAS

Estes — decerto a causa não é o amor — apenas estão pele e osso.
Não sei que olho me enfeitiça os tenros cordeiros.

DAMETAS

Diz-me em que terras, e serás para mim um grande Apolo,
105 é que o espaço do céu não se estende mais que três braças.⁷

MENALCAS

Diz-me em que terras brotam flores escritas
com o nome de reis⁸ e Fílis será só para ti.

PALÉMON

Não sou eu quem vai decidir tão grande disputa entre vós:
tu e ele são dignos da bezerra, e também quem quer que receie
110 os doces amores ou experimente os amargos. Fechai já
os canais de rega, rapazes: os prados já beberam bastante.

⁷ A resposta a esta adivinha poderá ser “em Roma” e “em Rodes”, por referir o famoso globo celeste de Arquimedes, que Marco Marcelo levou para Roma quando da conquista de Siracusa em 212 a.C., no curso da Segunda Guerra Púnica, e outro famoso globo, o de Posidónio, um amigo de Cícero.

⁸ A flor é o jacinto, em cujas pétalas se pensava ler AI. Estas letras eram tidas como as duas primeiras do nome Ajax em grego, que se suicidou em Tróia; e como o grito de dor que Apolo lançou quando acidentalmente matou o seu amor Jacinto, manchando as pétalas de sangue. A resposta seria, pois, “em Tróia” e “em Esparta”.

Alcibiades
Quo magis...
Quo magis...

Bucólica IV

Quo magis...
Quo magis...

Bucólica IV

Caso raro neste livro, este poema foge ao tema do bucolismo.

Nos três primeiros versos, em jeito de introdução, Vergílio dirige-se às musas da Sicília, a pátria de Teócrito, e desvia-se do ambiente bucólico das composições anteriores, fazendo alusão a um cônsul, que, mais tarde, ficamos a saber tratar-se de Asínio Polião, que ocupou o consulado no ano 40 a.C.

No verso 8, Vergílio refere um rapaz recentemente nascido. A identidade desta criança é a grande questão deste poema e muitas foram as hipóteses levantadas: um filho de Asínio Polião ou de Marco António, ou até do próprio Octaviano. Posteriormente, houve quem visse, a partir de Santo Agostinho, uma alusão a Jesus Cristo.

O estilo do poema é solene e grave. Uma análise métrica mostra haver mais sílabas longas do que sílabas breves, conferindo um ritmo mais arrastado aos versos e aumentando o tom solene. O estilo é apropriado a um dos temas do poema: o mito da Idade de Ouro, um tempo de prosperidade, em que a humanidade vivia livre de cuidados. Inspirado pelos gregos Hesíodo (séc. VIII a.C.?) e Arato (séc. III a.C.), Vergílio recupera este tópico da literatura latina.

Quando Vergílio compõe as Bucólicas, a sociedade romana encontra-se fragmentada após inúmeras guerras e conflitos, e todos anseiam por um novo período de paz. Nesta Bucólica, com a alegoria da Idade de Ouro, Vergílio pode estar a aludir ao Pacto de Brundísio, que, mediado por Asínio Polião, evitou, ainda que brevemente, uma nova guerra civil ao dividir o império pelos três membros do segundo triunvirato (Marco António, Octaviano e Lépido).

Se a Bucólica I alude à fragmentação de Roma e do império, então a Bucólica IV, recorrendo a tópicos e momentos da história romana contemporânea, representa um momento de esperança e de renovação para a sociedade.

Ó Musas da Sicília, cantemos temas algo mais elevados!
As árvores não encantam a todos, nem os modestos tamariscos.
Se cantamos os bosques, que os bosques sejam dignos de um cônsul.

Chegou agora a última idade do vaticínio de Cumas:
5 nasce de novo uma grande ordem dos séculos!

Já Virgem regressa também, e volta o reino de Saturno,¹
já uma nova geração desce do alto dos céus.

Tu, sê propícia já ao menino que nasce, o primeiro
com quem terminará a Idade de Ferro e surgirá a de Ouro
10 pelo mundo inteiro, ó casta Lucina. Já reina o teu Apolo.

Este glorioso tempo começará no teu consulado,
Polião, no teu, e começarão a avançar os grandes meses.
Sob o teu comando serão apagados os vestígios que haja
da nossa culpa, e as terras libertadas do medo permanente.

15 Ele receberá a vida dos deuses e no meio dos deuses
contemplará heróis, e ele próprio será por eles visto,
e governará o mundo pacificado pelo valor do pai.

¹ Referência à deusa Justiça, que viveu na Idade de Ouro entre o povo. Quando chegou a Idade de Prata, passou a andar só, aparecendo nos fins de tarde para censurar os homens pelos novos vícios. Com a Idade de Bronze, Justiça fugiu para os céus, metamorfoseando-se em constelação, para todas as noites lembrar aos homens as suas culpas. É assim associada à Idade de Ouro.

Mas a ti, menino, a terra sem cultivo dará
 pequeninos presentes, a hera que vagueia por todo o lado,
 20 com helicriso² e lótus misturados com o risonho acanto.
 As cabrinhas, por sua conta, trarão para casa os úberes
 cheios de leite, e os rebanhos não temerão os grandes leões.
 O teu berço derramará para ti delicadas flores.
 Morrerá a cobra, e morrerá a erva que esconde o veneno:
 25 por toda a parte brotará o assírio amomo.
 Mas logo que possas ler os louvores dos heróis
 e os feitos do teu pai, e saber o que é a valentia, o campo
 pouco a pouco ficará dourado com a macia espiga,
 e avermelhados cachos penderão dos silvados sem cultivo,
 30 e os duros carvalhos suarão gotas de orvalho de mel.
 Restarão, porém, alguns vestígios da antiga culpa,
 que farão tentar Tétis com navios,³ cingir as cidades
 com muralhas e escavar sulcos na terra.
 Então surgirá um segundo Tífis e outra Argo que transporte
 35 os heróis eleitos. Surgirão também novas guerras,
 e para Tróia será novamente enviado um grande Aquiles.
 Depois, quando a idade, robustecida, tiver feito de ti homem,
 o próprio comerciante abandonará o mar, e nem o barco
 de pinho trocará mercadorias. Toda a terra dará tudo.
 40 A terra não suportará mais enxadas, nem a vinha a foice.
 Também o robusto lavrador libertará do jugo os touros.
 A lã já não aprenderá a imitar as variadas cores,
 mas nos prados o próprio carneiro mudará os seus velos,
 ora para suave púrpura, ora para amarelo açafraão.
 45 Por si próprio o escarlata vestirá os cordeiros que pastam.

² Ver nota a *Bucólicas* 7.25.

³ Metonímia para o mar.

“Tais séculos fazei correr!” disseram aos seus fusos
 as Parcas, de acordo entre si por vontade estável dos fados.
 Acerca-te dos mais altos cargos, já chegou a altura,
 ó cara prole de deuses, magna descendência de Júpiter!
 50 Observa o mundo que oscila com a sua massiva abóboda,
 e as terras e as extensões do mar e o céu profundo.
 Vê como tudo se alegra com o século que agora chega!
 Oh! Que então me seja dada a última parte de uma longa vida
 e tenha inspiração suficiente para cantar os teus feitos!
 55 Com poemas não me vencerá o trácio Orfeu,
 nem Lino, embora a mãe ajude um e o pai o outro,
 Calíope a Orfeu, a Lino o belo Apolo.
 Até Pã, se competisse comigo tendo por juiz a Arcádia,
 até Pã, tendo a Arcádia por juiz, se diria vencido.
 60 Começa a reconhecer com um sorriso, ó pequeno menino,
 a tua mãe (dez meses à tua mãe trouxeram longas aflições),⁴
 começa, ó pequeno menino: os que à mãe não sorriram,
 deus jamais os fez dignos da sua mesa, nem deusa da sua cama.⁵

⁴ A gestação demora cerca de dez meses lunares e, no pensamento romano, o nascimento ocorre no décimo mês.

⁵ Alusão a Hércules, que, depois de divinizado, casou com Hebe, filha de Júpiter e de Juno, e se banqueteou juntamente com os deuses.

A quinta Bucólica volta a ser fortemente inspirada em Teócrito, mais concretamente no Idílio I. Vergílio recupera o ambiente pastoril e coloca em diálogo dois pastores, Menalcas e Mopso. O retrato do campo não é meramente estilizado, uma vez que utiliza elementos típicos da ruralidade italiana, como alusões às deusas Pales e Ceres.

Mopso dedica a sua canção à morte de Dáfnis; Menalcas canta a divinização do pastor árcaico. O carácter divino atribuído a Dáfnis poderia remeter o leitor contemporâneo de Vergílio para a divinização de Júlio César, cujo assassinio, nos idos de Março (dia 15) de 44 a.C., precipitou o final do regime republicano. Meses depois, surgiu no céu um cometa (o sidus Iulii) que rapidamente, para fins políticos e propagandísticos, se associou à apoteose do dictador.

Perto do final do poema (vv. 85-87), quando uma flauta é oferecida a Menalcas, percebemos que este pastor-cantor representa a persona poética de Vergílio, pois afirma ter sido aquela mesma flauta que o ensinou a compor os versos inaugurais das Bucólicas II e III e, implicitamente, de toda a colectânea.

MENALCAS

Porque é que, Mopso, já que nos encontrámos e somos
ambos hábeis, tu a soprar a leve flauta, eu a cantar versos,¹
não nos sentamos aqui entre os ulmeiros e as aveleiras?

MOPSO

5 Tu és o mais velho. É justo que eu te obedeça, Menalcas,
quer nos abriguemos na sombra que oscila com os Zéfiros,
quer antes nesta gruta. Vê como a videira-silvestre
se espalhou pela gruta com uns poucos cachos de uvas.

MENALCAS

Nos nossos montes, só Amintas tens como rival.

MOPSO

Pudera!, se ele até se esforça por vencer Febo no cantar!

MENALCAS

10 Começa primeiro, Mopso, se tens canções de amor por Fílis,

¹ Cf. nota a *Bucólicas* 1.2.

ou algo de louvor a Álcon, ou algo de troça de Codro.
Começa então. Títiro olhará pelos cabritos que pastam.

MOPSO

Ora bem, vou tentar estes versos que gravei há pouco na verde
casca duma faia, anotando as alternâncias de palavras e música.²
15 De seguida, diz a Amintas que venha competir comigo.

MENALCAS

Quanto o flexível salgueiro cede à pálida oliveira
a primazia, quanto a rasteira valeriana ao purpúreo
roseiral, assim, no nosso entender, Amintas a cede a ti.
Mas chega disto, rapaz. Entrámos na gruta.

MOPSO

20 “As Ninfas choravam Dáfnis, levado por cruel morte
(vós, ó aveliras e rios, sois testemunhas das Ninfas)
quando, abraçada ao desgraçado corpo do filho,
a mãe chamava cruéis aos deuses e aos astros.
Ninguém, naqueles dias, conduziu os saciados
25 bois, ó Dáfnis, até aos frescos ribeiros. Animal
algum bebeu no rio ou tocou na erva do pasto.
Ó Dáfnis, que os púnicos leões choraram a tua
morte dizem os montes selvagens e os bosques.
Dáfnis ensinou a jungir ao carro os tigres da Arménia,
30 Dáfnis ensinou a comandar o cortejo de Baco,
e a entrelaçar as varas maleáveis com folhas macias.³
Como a videira é o orgulho das árvores, as uvas das videiras,
os touros das manadas, as searas dos férteis campos,

² A alternância da música da flauta e do canto da voz.

³ Referência ao tirsó que surge na representação dos cortejos dionisíacos.

só tu és o orgulho dos teus. Mal os Fados te arrebataram,
35 até Pales e o próprio Apolo abandonaram os campos.

Tanta vez, nas leiras a que confiámos os grandes grãos
de cevada nasceram o infecundo joio e as estéreis aveias.

Em lugar da macia violeta e do colorido narciso,
cresce o cardo e o paliúro de espinhos aguçados.

40 Espalhai flores pelo chão, cobri de sombra as fontes,
ó pastores: Dáfnis ordena que se faça tais coisas.

Erguei um túmulo e sobre o túmulo gravai este epitáfio:

“EU ERA DÁFNIS NOS BOSQUES, DAQUI ATÉ AOS ASTROS CONHECIDO,
PASTOR DE UM BELO REBANHO, E EU SOU AINDA MAIS BELO.”

MENALCAS

45 O teu canto é para mim, ó poeta inspirado, tal qual
o sono na erva para quem está cansado, tal qual no Verão
é matar a sede num ribeiro que saltita de água fresca.

Equiparas-te ao mestre não só na flauta, mas também na voz.⁴

Ó rapaz afortunado, tu agora serás o segundo depois dele.

50 Eu, porém, cantar-te-ei de qualquer modo esta canção,
e o teu Dáfnis elevarei até aos astros.

Dáfnis até aos astros levarei: também Dáfnis me amou.

MOPSO

Acaso há coisa para mim mais importante do que tal dom?

O rapaz foi digno de ser cantado, e também em tempos

55 já Estímicon louvou junto de nós estes teus versos.

MENALCAS

O radioso Dáfnis pasma com a entrada desconhecida

⁴ Referência a Dáfnis.

do Olimpo, e sob os seus pés vê as nuvens e os astros.
 Um prazer alegre apodera-se dos bosques e dos campos
 todos, e de Pã e dos pastores, e das donzelas Dríades.
 60 Nem o lobo planeia emboscadas ao rebanho, nem rede alguma
 está montada para os veados. O bondoso Dáfnis ama o lazer.
 Os próprios montes, intonsos, lançam gritos de alegria
 até aos astros, e até as rochas lançam canções,
 e os arvoredos ecoam: “deus, ele é um deus, ó Menalcas!”
 65 Que sejas bondoso e favorável para os teus! Eis quatro altares:
 eis dois para ti, ó Dáfnis, e dois altares para Febo.
 Oferecer-te-ei todos os anos dois tarros a espumar
 de leite fresco para ti e dois cráteres de oleoso azeite
 e, acima de tudo, animando os festins com muito Baco
 70 (à lareira, se estiver frio; se na altura da ceifa, à sombra),
 derramarei vinho de Ariúsio nas taças, um néctar novo.
 Para mim cantarão Dametas e Égon de Licto.
 Os Sátiros nas suas danças imitará Alfesibeu.
 Estas honras serão sempre tuas, quando cumprirmos os votos
 75 solenes anuais às Ninfas, e quando purificarmos os campos.
 Enquanto o javali gostar do cimo do monte, o peixe dos rios,
 e as abelhas se alimentarem de tomilho, de orvalho as cigarras,
 esta tua honra, o teu nome e o teu elogio viverão sempre.
 Como a Baco e a Ceres, assim, todos os anos, a ti votos
 80 farão os lavradores: tu também os forçarás a cumpri-los.

MOPSO

Que presentes te posso oferecer por esta canção?
 Na verdade, nem o soprar do Austro quando chega,
 nem as praias fustigadas pelas ondas, nem os rios
 que descem por vales pedregosos me alegram tanto.

MENALCAS

85 Antes de tudo, ofereço-te esta delicada flauta. Ensinou-me
 “Córidon ardia em paixão pelo formoso Aléxis”
 e também “De quem é este rebanho? De Melibeu?”⁵

MOPSO

Mas tu pega neste cajado, que, embora Antígenes mo tenha
 tanta vez pedido, não o levou (e ele era então digno do meu amor).
 90 É belo, de nós simétricos e bronze reforçado, Menalcas.

⁵ Versos inaugurais das *Bucólicas* II e III, respectivamente.

A Bucólica VI é uma composição programática e Vergílio arranca com uma alusão explícita à poética de uma das suas principais influências: Calímaco.

Talvez mais do que Teócrito, Calímaco é uma presença fulcral nas Bucólicas e percorre toda a obra vergiliana. Além da recusatio (recusa) em escrever um poema épico, a alusão a Calímaco faz-se também no verso 8, quando o poeta afirma que comporá um poema campestre com uma flauta delgada (tenuis).

Após a breve dedicatória a Públio Alfeno Varo, amigo de Vergílio, surge a figura de Sileno, o mítico sátiro preceptor de Baco. Este começa a sua canção com o tema da origem do mundo e prossegue invocando metamorfoses de figuras e mitos obscuros, temas caros aos poetas de então, os chamados neotéricos, de que foram pioneiros Catulo, Hélvio Cina, entre outros.

Contudo, apesar da dedicatória a Varo, o nome central do poema é Galo, poeta e político do séc. I a.C., pertencente ao círculo íntimo de Vergílio.

A primeira que consentiu compor em verso siracusano e não corou por habitar nos bosques foi a minha Talia. Quando eu cantava reis e batalhas, Cíntio¹ puxou-me a orelha e admoestou-me: “Ao pastor, ó Títiro, convém
5 apascentar a gorda ovelha e cantar um poema ligeiro.”² Agora eu — pois na verdade haverá quem queira cantar os teus louvores, ó Varo, e cantar as funestas guerras — cantarei com uma flauta delgada um poema campestre.³ não canto o que não me mandam. Se alguém, se alguém isto
10 ler, aliciado pelo tema do amor, os nossos tamariscos, Varo, e todo o bosque te cantarão. Nem página alguma é mais grata a Febo do que aquela que escreveu no início o nome de Varo.⁴

Avançai, Piérides! Os pastores Crómis e Mnasilo viram um dia Sileno numa gruta, dormindo estendido no chão,
15 com as veias inchadas, como sempre, pelo Iaco da véspera. Perto jaziam apenas as grinaldas, caídas da sua cabeça, e um pesado cântaro, com a asa gasta, pendia da sua mão.

¹ Apolo.

² Adaptação do prólogo dos *Aetia* de Calímaco. Ver página 18.

³ Referência clara ao segundo verso da *Bucólica* I.

⁴ Provável referência à publicação do poema. Segundo alguns estudiosos, o título do poema incluiria o nome de Varo.

Saltando sobre ele (pois tanta vez o ancião lhes frustrara a esperança de uma canção), amarram-no com as suas grinaldas.
 20 Junta-se a eles, vindo em socorro dos receosos rapazes, Egle, Egle, a mais bela das Náíades. E quando ele se pôs a olhá-la, ela pinta-lhe a fronte e as têmporas com amoras cor de sangue. Ele, rindo-se da armadilha, disse: “Porque me amarrais assim? Soltaí-me, rapazes. Já vos basta terem podido ver-me.
 25 Ouvi as canções que quereis. Vós tereis as vossas canções, para ela haverá outra recompensa.” E assim começou ele. Então, sem dúvida, terias podido ver Faunos e feras a dançar ritmadamente, então os hirtos carvalhos mover os cumes. Nem com Febo se alegram tanto os rochedos do Parnaso,
 30 nem com Orfeu se espantam tanto o Ródope e o Ísmaro.

Pois cantava como pelo enorme vazio se juntaram os elementos da terra e do ar e do mar e, ao mesmo tempo, do rebrilhante fogo. Como destes princípios tudo se formou, e como o jovem globo do mundo se agregou.
 35 Depois, como o solo começou a endurecer e a encerrar Nereu no mar, e paulatinamente a tomar as formas das coisas, como as terras se pasmam com o reluzir de um novo sol, e como, afastadas as nuvens, as chuvas caem de mais alto, quando começam as florestas primeiro a surgir e quando
 40 uns poucos animais erram pelos montes que desconhecem. A seguir fala das pedras lançadas por Pirra, do reino de Saturno, dos pássaros do Cáucaso e do furto de Prometeu. A isto junta Hilas, e em que fonte foi deixado. Os marinheiros chamavam-no, de forma que toda a praia ecoava “Hilas, Hilas!”.
 45 E Pasífae — afortunada se jamais tivesse havido gado! — ele consola pela sua paixão pelo bezerro da cor da neve.⁵

⁵ “Ele” é Sileno. Refere-se ao amor entre Pasífae e Júpiter, metamorfoseado em touro.

Ah, desgraçada rapariga, que loucura te tomou!
 As filhas de Preto encheram de falsos mugidos os campos, mas nenhuma procurou tão torpes relações
 50 com o gado, ainda que temessem o arado no pescoço e muitas vezes tivessem buscado chifres na sua testa lisa. Ah!, desgraçada rapariga, tu agora pelos montes deambulas. Ele, ao apoiar o alvo flanco sobre o macio jacinto, sob a negra azinheira rumina as pálidas ervas ou segue
 55 uma outra numa grande manada. “Fechai, ó Ninfas, ó Ninfas de Dicte, fechai já as clareiras dos bosques para ver se, por algum acaso, aos nossos olhos se apresentam as pegadas vagueantes do boi: talvez, aliciado por verdejante erva ou seguindo a manada,
 60 algumas vacas o levem para os estábulos de Gortina.” Depois canta a jovem pasmada com as maçãs das Hespérides,⁶ depois as irmãs de Faetonte, que rodeia com musgo de amarga casca e do solo as lança transformadas em altos amieiros.⁷ Depois canta Galo que vagueia junto aos rios do Permesse,
 65 e como uma das irmãs o conduziu para os montes da Aónia,⁸ e como para aquele homem todo o coro de Febo se levantou em sua honra, como Lino, pastor de divino canto, de cabelos enfeitados com flores e ramos de amargo aipo, lhe disse: “As Musas dão-te estas flautas — aceita-as! — que antes
 70 deram ao ancião de Ascra,⁹ com as quais ele costumava, ao cantar, fazer descer dos montes os rígidos freixos. Com estas, que te seja cantada a origem do bosque de Grineu, para que não haja bosque de que Apolo mais se envaideça.”

⁶ Atalanta.

⁷ Quando Faetonte morreu, as irmãs choraram tanto a sua morte que os deuses as transformaram em árvores.

⁸ Alusão a uma das Musas.

⁹ Hesíodo, autor dos *Trabalhos e os Dias* e da *Teogonia*.

Para quê recordar Cila, a filha de Niso, de quem se diz
 75 estar cingida nas alvas virilhas por monstros que ladram, ela
 que açoitou as naus de Dulíquio e num remoinho profundo
 ah!, despedaçou os aterrados marinheiros com cães marinhos,
 ou como cantou a metamorfose dos membros de Tereu,
 que refeições, que presentes Filomela lhe preparou,
 80 por que caminho procurou lugares bem remotos
 e com que asas a infeliz voou sobre a sua antiga casa?
 Tudo o que outrora o feliz Eurotas ouviu Febo cantar
 e ordenou que os loureiros aprendessem, tudo isto ele cantou,
 e os vales ecoaram e lançaram o eco para os astros.
 85 Até que Vésper ordenou recolherem as ovelhas nos redis
 e contá-las, e avançou pelo Olimpo contra a vontade deste.¹⁰

¹⁰ Neste passo, Olimpo significa "o céu".

Bucólica VII

Um dia sentava-se Dáfnis sob uma cinzeira fumante
 e Córdico e Tísia tinham juntado os seus rebanhos para
 Tísia as ovelhas, Córdico as cabras e cordeiros de leite.
 Ambos estavam na floresta ideal, onde os crios de Arcádia
 e trua iguais se cantam e no canto pártico a responder.
 Proceja eu de fazer as delicias minhas quando parta aqui
 se aficou o macho do rebanho, um boado, é rei cujo Dáfnis.
 Quando se me vê à sua frente, diz-me: "Vem depressa
 para aqui, Melibeoi! O teu boado e os cabritos estão a salvar
 Se podes trazer uma panela, descansa debaixo desta cinzeira
 Até os resillios de cá para aqui, pelo pouco, para beber
 aqui, o Mincio virge as varões margens com flecheira
 e se abelhar também vinhas do cerrado verticalis."

e imensa era a competição. Córdico comia o leite
 de cá para cá, e Tísia comia o leite de cá para cá.
 Córdico comia o leite de cá para cá, e Tísia comia o leite
 de cá para cá, e Tísia comia o leite de cá para cá.
 Córdico comia o leite de cá para cá, e Tísia comia o leite
 de cá para cá, e Tísia comia o leite de cá para cá.

Vergílio recupera o certame poético entre pastores, modelo já ensaiado na Bucólica III, e os temas são: oferendas e dedicatórias a divindades, amores e paixões vividos, louvores ao Verão e ao Inverno.

A competição poética entre dois pastores, Córídon e Tírsis, árcades na flor da idade e peritos na arte do canto, é silenciosamente vigiada pela presença de Dáfnis, o pastor divinizado da Bucólica V, e termina com a vitória de Córídon.

Apesar da proveniência dos pastores, a paisagem localiza-se junto ao rio Míncio, perto da Mântua natal de Vergílio.

MELIBEU

Um dia sentava-se Dáfnis sob uma azinheira murmurante
e Córídon e Tírsis tinham juntado os seus rebanhos num só,
Tírsis as ovelhas, Córídon as cabrinhas inchadas de leite.
Ambos estavam na flor da idade, ambos eram da Arcádia,
5 e eram iguais no canto, e no canto prontos a responder.
Protegia eu do frio as delicadas murtas quando para aqui
se afastou o macho do rebanho, um bode, e eu vejo Dáfnis.
Quando ele me vê à sua frente, diz-me: “Vem depressa
para aqui, Melibeu! O teu bode e os cabritos estão a salvo.
10 Se podes fazer uma pausa, descansa debaixo desta sombra.
Até os novilhos virão para aqui, pelos prados, para beber.
Aqui, o Míncio cinge as verdes margens com flexíveis
canas, e as abelhas zumbem vindas do sagrado carvalho.”
Que podia fazer? Eu não tinha nem Alcipe, nem Fílis
15 para fecharem no redil os borregos há pouco desmamados,
e imensa era a competição: Córídon contra Tírsis.
Sacrifiquei, porém, os meus afazeres perante os jogos deles.
Começaram então os dois a competir cantando versos
alternados. Versos alternados as Musas queriam que recordassem.
20 Córídon entoava uns, Tírsis, por ordem, replicava com outros.

CÓRIDON

Ó ninfas Libétrides, nossa paixão, concedei-me
ou um canto igual ao do meu Codro (ele faz versos ao nível
dos de Febo), ou aqui (se nem todos tal conseguimos)
num pinheiro sagrado pendurarei a minha melodiosa flauta.

TÍRSIS

25 Ó pastores da Arcádia, enfeitai com hera o poeta que nasce,
para que as entranhas de Codro rebentem de inveja.
Ou, se for elogiado para além do desejável, cingi de helicriso
a minha testa, para que a má língua não moleste o futuro poeta.¹

CÓRIDON

30 O jovem Mícon consagra-te, ó Délia, esta cabeça de javali
cerdoso e as hastes ramosas de um veado que já muito viveu.
Se isto for apropriado, ficarás em mármore polido, de corpo inteiro,
com coturnos de cor púrpura atados em torno das pernas.

TÍRSIS

Ó Priapo, é suficiente que esperes todos os anos uma malga
de leite e estes bolos: tu és o guardião de um jardim pobre.
35 Agora, nestas circunstâncias, fizemos-te de mármore, mas tu,
se a fertilidade aumentar o rebanho, serás de ouro.

CÓRIDON

Ó Galateia, filha de Nereu, mais doce que o tomilho do Hibla,²

¹ Planta da família das Asteráceas, de difícil identificação. Os autores antigos consideravam que tinha poderes para afastar o mau-olhado. Certos estudiosos sugerem tratar-se de *Helichrysum italicum*, que em português tem como nomes comuns: erva-do-caril e erva-espanta-diabos.

² Ou seja, mais doce do que o mel que as abelhas produzem a partir do tomilho que cresce no monte Hibla, na Sicília.

mais alva do que os cisnes, mais formosa do que a branca hera,
logo que os touros, depois de pastarem, regressarem aos currais,
40 se tens algum cuidado pelo teu Córidon, vem até junto de mim.

TÍRSIS

E antes eu te pareça mais amargo que as ervas da Sardenha,³
mais áspero que a gilbardeira, mais vulgar que a alga arremessada
pelo mar, se este dia não é para mim mais longo que um ano inteiro.
Ide para o curral, ó novinhos saciados, se algum pudor tendes, ide.

CÓRIDON

45 Ó fontes musgosas e erva mais macia do que o sono,
e tu, verde medronheiro, que as cobres com escassa sombra,
defendei o rebanho do calor estival: já aí vem o tórrido
Verão, já os gomos engordam na videira flexível.

TÍRSIS

Aqui há uma lareira e tochas resinosas, aqui há um fogo sempre
50 bem vivo, e as ombreiras estão negras da constante fuligem.
Aqui importamo-nos tanto com os frios do Bóreas quanto o lobo
com o número de ovelhas e os rios torrenciais com as margens.

CÓRIDON

Aqui erguem-se os zimbros e os hirsutos castanheiros;
frutos jazem por todo o lado, cada um sob a sua árvore.
55 Agora todas as coisas riem. Mas se o formoso Aléxis
deixasse estes montes, até os rios verias secos.

³ Trata-se do *Ranunculus sceleratus*, planta que produz um sumo amargo. Daqui deriva a expressão “sorriso sardónico”.

TÍRSIS

O campo está seco. A erva morre sedenta pelo ar doentio.
 Líber nega às colinas as sombras das parreiras.
 Todo o bosque verdejará com a chegada da minha Fílis,
 60 e Júpiter, abundante, descerá em chuva nutritiva.

CÓRIDON

O choupo muito agrada a Alcides, a videira a Iaco,
 a murta à bela Vénus, a Febo o seu loureiro.
 Fílis ama as aveleiras: e enquanto Fílis as amar,
 nem a murta, nem o louro de Febo as aveleiras vencerão.

TÍRSIS

65 O freixo é o mais belo nos bosques, o pinheiro é-o nos jardins,
 o choupo à beira dos rios, o abeto nos altos montes.
 Mas se mais amiúde, ó belo Lícidas, me visitares, o freixo
 nos bosques cederá para ti a primazia, e o pinheiro nos jardins.

MELIBEU

Isto é o que me lembro, e que Tírsis, derrotado, competia em vão.
 70 Desde esse dia, Córidon é para nós um verdadeiro Córidon.⁴

⁴ Córidon passou a ser considerado o cantor perfeito.

Bucólica VIII

A Bucólica VIII divide-se em duas partes: a canção do pastor Dámon (vv. 17-61) e o canto do pastor Alfesibeu (vv. 64-109).

Dámon dá voz a um amante anónimo que se lamenta por ter perdido o amor de Nisa e, por isso, se vai suicidar. Este canto é por vezes considerado como uma subversão de um epitalâmio tradicional e o seu final triste contrasta com o tom alegre com que termina a canção de Alfesibeu.

A segunda parte é dedicada a um ritual de magia erótica protagonizado por uma figura anónima com o auxílio de uma serva, Amarilís. Este episódio é fortemente marcado pelo Idílio II de Teócrito, onde uma jovem de nome Simeta pratica, com a ajuda da criada Téstilis, um ritual para trazer Délfis de volta para casa. No poema de Vergílio, o objectivo é o mesmo mas o apaixonado chama-se Dáfnis. Todo o ritual é marcado por tópicos literários sobre magia, que também surgem em versos de Horácio, Propércio, Tibulo, Ovídio, entre outros. Teócrito é um dos principais modelos, mas é possível que Vergílio tenha também influência de Catulo. Segundo Plínio-o-Velho, Catulo fez uma tradução (ou adaptação?) do Idílio II de Teócrito para latim e esse texto poderá ter influenciado Vergílio.

A distinguir esta Bucólica das restantes está o uso do verso-refrão, já visto em Teócrito, como possível marca da prática mágica.

Dos pastores Dámon e Alfesibeu cantarei a Musa.¹

Enquanto competiam, a bezerra, assombrada, esqueceu-se da erva, com o seu cantar os lincez ficaram estupefactos e os rios transfiguraram-se e detiveram o seu curso.

5 Cantarei a Musa de Dámon e de Alfesibeu.

Quanto a ti, quer passes já as rochas do grande Timavo, quer avances pela costa do mar da Ilíria, acaso virá o dia em que me seja permitido cantar os teus feitos?²

Virá o dia em que me seja dado mostrar pelo mundo inteiro os teus poemas, os únicos dignos do coturno de Sófocles?

10 De ti partirá o início, em ti terminarei: recebe estes versos, inspirados por ordens tuas, e permite que esta hera adorne as tuas tēmporas entre os louros da vitória.

Logo que a fria sombra da noite se retirou do céu, hora em que na erva macia o orvalho é tão grato ao rebanho, Dámon, apoiado no cajado de oliveira polido, assim começou.

DÁMON

Nasce, Lúcifer, e vindo à frente conduz o dia reparador, enquanto choro, atraído pelo amor que Nisa, a minha prometida,

¹ "Musa" é metáfora para o canto.

² Provavelmente Asínio Polião.

despreza. Embora de nada me valessem como testemunhas,
20 ao morrer, porém, na minha derradeira hora, invoco os deuses.

Começa comigo, ó flauta minha, versos do Ménalo.

O Ménalo tem sempre um bosque murmurante e pinheiros
que falam, ele escuta sempre as paixões dos pastores,
bem como Pã, o primeiro que não deixou as flautas caladas.

25 *Começa comigo, ó flauta minha, versos do Ménalo.*

A Mopso é dada Nisa: o que não havemos nós, amantes, de esperar?
Em breve os grifos acasalarão com cavalos e, nos tempos
que virão, os gamos assustadiços irão beber com os cães.

28a *Começa comigo, ó flauta minha, versos do Ménalo.*

30 Ó Mopso, corta novas tochas. Para ti a esposa é conduzida.
Lança, ó marido, as nozes! Para ti o Héspero deixa o Eta.

Começa comigo, ó flauta minha, versos do Ménalo.

Oh! Unida a um homem digno, enquanto todos desdenhas,
enquanto te causa ódio a minha flauta, e as cabrinhas,
e a minha sobrançelha hirsuta e a barba espetada, e pensas
35 que deus algum se preocupa com os assuntos dos mortais.

Começa comigo, ó flauta minha, versos do Ménalo.

Nas nossas cercas vi-te, ainda pequena, com a tua mãe,
a colher maçãs orvalhadas: era eu quem vos guiava.

Então, já um ano depois dos onze me apanhara
40 e já podia tocar, a partir do chão, nos frágeis ramos.
Mal te vi, foi o meu fim, arrebatou-me uma loucura insana!

Começa comigo, ó flauta minha, versos do Ménalo.

Agora sei o que é o Amor. Este rapaz, o Tmaro ou o Ródope
ou os Garamantes dos confins do mundo deram-no à luz
45 em duras rochas, rapaz que não é da nossa raça nem sangue.

Começa comigo, ó flauta minha, versos do Ménalo.

O Amor cruel ensinou uma mãe a manchar as mãos
com o sangue dos filhos.³ Também tu és cruel, mãe!
Foi mais cruel a mãe ou mais malvado aquele rapaz?⁴
50 Aquele rapaz é malvado, mas tu, mãe, também és cruel.

Começa comigo, ó flauta minha, versos do Ménalo.

Que agora até o lobo fuja das ovelhas, que os carvalhos
rijos dêem maçãs douradas, o amieiro floresça de narcisos,
que o âmbar resinoso escorra da casca do tamarisco,
55 as corujas concorram com os cisnes, que Títiro seja Orfeu,
que Orfeu esteja nos bosques, Aríon entre os golfinhos.

Começa comigo, ó flauta minha, os versos do Ménalo.

Que tudo se transforme em alto mar. Adeus, bosques:
lançar-me-ei para as ondas da atalaia de um alto monte.
60 Toma esta derradeira oferta de quem vai morrer.

³ Alusão ao infanticídio de Medeia.

⁴ Cupido.

Termina, ó flauta, termina os versos do Ménalo.

Isto cantou Dámon. Vós, Piérides, contai o que respondeu Alfesibeu. Nem todos podemos fazer tudo.

ALFESIBEU

65 Traz água e cinge estes altares com uma fita macia e queima ramos ricamente aromáticos e incenso do melhor para que eu tente afastar a sanidade do meu amado com rituais mágicos. Aqui nada falta, salvo o encantamento.

Conduzi da cidade para casa, ó meus encantamentos, conduzi Dáfnis.

70 Os encantamentos podem até fazer descer a lua do céu. Circe transformou os companheiros de Ulisses com feitiços, nos prados a gélida serpente rebenta com fórmulas mágicas.

Conduzi da cidade para casa, ó meus encantamentos, conduzi Dáfnis.

75 Primeiro, circundo a tua imagem com estas três cordas de três cores, e por três vezes conduzo-a à volta deste altar. À divindade encanta o número ímpar.

Conduzi da cidade para casa, ó meus encantamentos, conduzi Dáfnis.

Entrelaça, ó Amarílis, estas três cores com três nós. Entrelaça-as já e diz: 'Entrelaço os vínculos de Vénus'.

Conduzi da cidade para casa, ó meus encantamentos, conduzi Dáfnis.

80 Assim como o barro endurece e assim como esta cera derrete com uma só chama, assim Dáfnis se derreta com o meu amor.

Polvilha com farinha, e com pez acende o louro crepitante: o maldito Dáfnis abrasa-me e eu queimo este louro contra Dáfnis.

Conduzi da cidade para casa, ó meus encantamentos, conduzi Dáfnis.

85 Que possua Dáfnis um amor como o daquela bezerra, quando, cansada de procurar o novilho pelas florestas e por recônditos arvoredos, se deita, perdida, nos limos verdes das margens de um ribeiro e nem lhe ocorre resguardar-se da noite avançada. Que um tal amor o possua, e eu não me preocupe em curá-lo.

90 *Conduzi da cidade para casa, ó meus encantamentos, conduzi Dáfnis.*

Em tempos, aquele pérfido deixou-me estes despojos, penhores gratos para si, que eu agora, ó Terra, te confio à entrada da minha casa. Estes penhores devem-me Dáfnis.

Conduzi da cidade para casa, ó meus encantamentos, conduzi Dáfnis.

95 O próprio Méris deu-me estas ervas e estes venenos colhidos no Ponto (nascem em grande abundância no Ponto). Por meio deles, muitas vezes vi Méris transformar-se em lobo e esconder-se nas florestas, muitas vezes fazer sair espíritos do fundo dos túmulos e mudar de lugar as searas semeadas.

100 *Conduzi da cidade para casa, ó meus encantamentos, conduzi Dáfnis.*

Leva as cinzas lá para fora, Amarílis, e atira-as para a corrente do rio, por cima da tua cabeça, e não olhes para trás. Com eles, atacarei Dáfnis.⁵ Ele não liga a deuses, nem a encantamentos.

⁵ Com os venenos.

Conduzi da cidade para casa, ó meus encantamentos, conduzi Dáfnis.

105 “Olha, quando estava a trazê-las, as cinzas tomaram por si
o altar com chamas trémulas. Que seja um bom augúrio!”⁶
Não tenho a certeza do que é, mas Hílix ladra na entrada.
Devo acreditar? Ou quem ama inventa os seus próprios sonhos?

Basta, basta, ó encantamentos, Dáfnis vem da cidade.

Bucólica IX

⁶ Estes dois versos são uma fala de Amarílis.

Como a primeira, a nona Bucólica aborda o tema da expropriação dos campos — e é tida como a mais antiga das duas. Não é possível determinar onde decorre a acção, uma vez que Vergílio mistura elementos de locais distintos. Os pastores Lícidas e Méris dialogam sobre o confisco de terras e o poema abre com o lamento de Méris, que se vê forçado a deixar o que é seu para o entregar a um forasteiro. Ambos falam de um terceiro pastor, Menalcas, que também perdeu tudo e que, nem graças ao canto, que diante da guerra nada vale, pôde manter as suas propriedades. O Idílio VII de Teócrito é o modelo principal.

Enquanto relembram os cantos de Menalcas, aludem a figuras contemporâneas de Vergílio como Varo, Hélvio Cina e Vário, e a acontecimentos recentes da história de Roma, nomeadamente ao sidus Iulii (astro de Júlio), que representava a divinização de Júlio César.

LÍCIDAS

Aonde, Méris, te levam os pés? À cidade onde leva esta estrada?

MÉRIS

Ó Lícidas, vivemos até agora para que um estrangeiro, dono do nosso querido campo (o que jamais recebera!), dissesse: “Isto tudo é meu! Ide embora, ó velhos camponeses!”

5 Agora, vencidos, tristes — pois a sorte tudo revira —, levamos-lhe estes cabritos. Que não lhe façam bem!

LÍCIDAS

O que eu decerto ouvi foi que, ali onde as colinas começam a subir e o topo se põe depois a descer em suave encosta até à água e às velhas faias já de copas quebradas,
10 toda essa terra o vosso Menalcas com o seu canto conservara.

MÉRIS

Ouviste, e era o que se dizia. Mas os nossos cantos, ó Lícidas, entre os dardos de Marte valem tanto quanto dizem valer as pombas da Caónia ao chegar uma águia. Mas se uma gralha, vinda da esquerda, não me avisasse,

15 de uma oca azinheira, para a todo o custo pôr termo a novas disputas, nem este teu Méris estaria vivo, nem mesmo Menalcas.

LÍCIDAS

Ai! Recai sobre alguém tão grande crime? Ai! O consolo que nos dás, Menalcas, quase nos foi tirado juntamente contigo! Quem cantaria as Ninfas? Quem encheria o chão de ervas em flor ou cobriria as fontes com verdejante sombra? Ou quem cantaria os versos que no outro dia, em silêncio, te roubei quando ias até junto de Amarílis, nosso prazer? “Títiro, até eu voltar (curto é o caminho), apascenta as cabrinhas e, já saciadas, leva-as a beber, Títiro. E ao fazer isto tem cuidado para não cruzares o caminho do bode: ele fere com o corno.”

MÉRIS

Ou antes estes, ainda inacabados, que cantava a Varo: “Ó Varo, o teu nome, desde que nos reste Mântua — Mântua, ai!, demasiado próxima da infeliz Cremona — os cisnes cantando em tom sublime levarão para os astros.”

LÍCIDAS

30 Assim as tuas abelhas fujam dos teixos de Cirno, assim as vacas saciadas de luzerna encham os úberes. Começa, se tens algo a cantar. Também me fizeram poeta as Piérides, também tenho versos, também os pastores dizem que sou vate, embora eu não acredite neles: até agora não pareço cantar algo digno de Vário ou Cina, antes um ganso que grasna entre melodiosos cisnes.¹

¹ Referência ao poeta Anser (em português “ganso”), um amigo de Cina, aparentemente de fraco talento.

MÉRIS

Na verdade, isso é o que faço, Lícidas, e em silêncio me esforço a ver se consigo lembrar-me: é que o poema não é sem valor. “Vem para aqui, Galateia! Que prazer encontras nas ondas? Aqui há uma Primavera rica de cores, aqui o chão derrama flores coloridas na beira dos rios, aqui um alvo choupo ergue-se junto à gruta e as maleáveis videiras entrelaçam sombras. Vem para aqui! Deixa que as ondas insanas açoitem os litorais.”

LÍCIDAS

E aquela canção que te ouvi cantar numa noite límpida? Lembro-me da melodia, se ao menos me lembrasse das palavras... “Dáfnis, porque observas os nascimentos dos velhos astros? Eis que subiu nos céus o astro de César, da estirpe de Dione, para que com ele os campos se alegrem com as searas, e para que com ele a uva ganhe cor nas soalheiras colinas. Enxerta, Dáfnis, as pereiras: colherão os frutos os teus netos.”²

MÉRIS

O tempo tudo leva, até a memória. Lembro-me, muitas vezes, em rapaz, de os longos dias se porem no meio do meu cantar. Agora esqueci-me das canções todas, e até a própria voz já foge a Méris: os lobos foram os primeiros a ver Méris.³ Mas Menalcas repetir-te-á estes versos muitas vezes.

LÍCIDAS

Com essas desculpas vais adiando satisfazer os meus desejos.

² Ligação com *Bucólicas* 1.73.

³ Crença romana de que avistar um lobo era nocivo. Plínio-o-Velho refere que se um lobo visse um homem sem que ele o visse, isso momentaneamente privaria a pessoa da fala.

Agora as águas, paradas, silenciaram-se todas para ti,
vê!, e cessaram os sopros da brisa murmurante.

Na verdade, estamos a meio do caminho, pois o túmulo
60 de Bianor já se começa a ver. Aqui, onde os lavradores
cortam folhagens densas, aqui, ó Méris, cantemos.

Pousa aqui os cabritos. Seja como for, chegaremos à cidade.

Ou então, se recearmos que a noite traga chuva,
vamos até lá cantando (o caminho será menos penoso).

65 E para irmos cantando, eu levo-te esse teu fardo.

MÉRIS

Não digas mais, rapaz, façamos já o que é mais urgente.

Cantaremos melhor as nossas canções quando ele chegar.⁴

⁴ Menalcas.

Bucólica X

Ao utilizar a palavra *extremum* (“derradeiro”, “último”) como a primeira do poema que encerra a coletânea, Vergílio dá a entender ao leitor que tinha presente a ideia de livro de poesia, e que este poema foi pensado para ser o último.

À semelhança das outras *Bucólicas* de número par, esta começa com o poeta pedindo à ninfa Aretusa inspiração suficiente para um último trabalho. Um último trabalho dedicado a Cornélio Galo.

Ao contrário do que poderia ser expectável, Vergílio coloca Galo na Arcádia, local da poesia bucólica por excelência, onde toda a natureza chora a morte do poeta. Sabendo que Licóris, a sua amada, partiu com outro, Galo inicia o seu lamento ao estilo dos pastores das anteriores *Bucólicas*. Licóris é o pseudónimo de Volúmnia Citéris, famosa cortesã romana, amante de Marco António.

Galo é considerado o introdutor do género elegíaco em Roma. Embora o tom do seu monólogo seja bucólico, o estilo e conteúdo são altamente elegíacos e, para alguns estudiosos, Galo, pela pena de Vergílio, imita a sua própria poesia. Posteriormente, encontraremos ecos deste monólogo em Tibulo e em Propércio.

Um derradeiro trabalho, ó Aretusa, concede-me.
Ao meu Galo alguns versos devem ser cantados, mas que
Licóris, ela mesma, os leia. Quem negaria versos a Galo?
Assim, quando deslizares sob as ondas da Sicília,
5 que a salgada Dóris não misture a sua corrente contigo.
Começa! Falemos dos tormentosos amores de Galo, enquanto
as cabrinhas de focinho curto aparam as tenras ervas.
Não cantamos para surdos: os bosques tudo repetem em eco.
Que florestas ou que pastagens vos detinham, ó jovens
10 Náiades, quando Galo perecia de um amor não retribuído?
Pois não foram cumes alguns do Parnaso, nem do Pindo
que vos fizeram demorar, nem a Aganipe da Aónia.
Até os loureiros o choraram, até os tamariscos;
a ele, jazendo sob uma rocha solitária, até o Ménalo
15 coberto de pinheiros e as rochas do gélido Liceu o choraram.
À sua volta estão as ovelhas (nem elas têm vergonha de nós,
nem tu te envergonhes do teu rebanho, ó poeta inspirado:
até o belo Adónis apascentou ovelhas à beira dos rios).
Também veio um pastor, vieram porqueiros vagarosos,
20 veio Menalcas, molhado da bolota de Inverno.¹

¹ Menalcas está molhado porque apanha as bolotas do chão húmido ou porque as mergulha em água.

Perguntam todos: “De onde te surgiu este amor?” Veio Apolo:
 “Ó Galo, que loucura é esta?” disse. “Licóris, o teu amor,
 seguiu outro pelas neves e pelos horrendos acampamentos.”
 Veio também Silvano, com o rústico galardão na cabeça,
 25 brandindo ramos de funcho-gigante em flor e enormes lírios.
 Veio Pã, deus da Arcádia, que nós próprios vimos
 enrubescido com bagas de ébulo cor de sangue e cinábrio.
 “Mas não há um fim?” disse. “O Amor não cuida de tais coisas,
 nem o cruel Amor se farta de lágrimas, nem os prados de ribeiros,
 30 nem as abelhas de luzerna, nem as cabrinhas de folhagem.”
 Mas ele, triste, retorquiu: “Ao menos cantareis, ó Árcades,
 isto aos vossos montes. Ó Árcades, só vós sabeis cantar bem.
 Oh!, quão docemente descansariam os meus ossos
 se um dia a vossa flauta celebrar os meus amores!
 35 E quem dera que eu tivesse sido um de vós, ou pastor
 do vosso rebanho, ou vindimador de uvas maduras!
 Decerto, fosse Fílis ou Amintas ou qualquer outro
 a minha paixão (que importa se Amintas é moreno?
 Também há violetas negras, e negros são os mirtilos),²
 40 comigo se deitaria entre salgueiros sob flexível parreira.
 Fílis colheria grinaldas para mim e Amintas cantaria.
 Aqui há frias nascentes, aqui macios prados, Licóris,
 aqui um bosque. Aqui passaria toda a vida contigo.
 Agora um insano amor tem-me nas armas do cruel Marte,
 45 no meio de dardos e com os inimigos à minha frente.
 Tu, longe da pátria (quem dera não acreditar nisto!),
 ah!, as duras neves dos Alpes e o gelado Reno
 contemplas sem mim. Ah!, que os frios não te magoem!
 Ah!, que o áspero gelo não corte os teus delicados pés!

² Ver *Bucólicas* 2.18.

50 Irei, e os meus poemas compostos em verso calcídico³
 acompanharei com a flauta do pastor siciliano.⁴
 É certo que prefiro sofrer nos bosques,
 entre covis de feras, e gravar os meus amores nas jovens
 árvores: elas crescerão, e vós crescereis, ó amores.
 55 Entretanto, percorrerei o Ménalo no meio das Ninfas
 ou caçarei javalis ferozes. Frio algum me impedirá
 de rondar as clareiras do Parténio com os meus cães.
 Já parece que caminho pelos penedos e bosques ruidosos.
 Dá-me prazer lançar as flechas de Cidoneia com o arco
 60 dos Partos — como se fosse remédio para a minha loucura,
 ou aquele deus aprendesse a amolecer-se com males humanos!⁵
 Já nem as Hamadríades, nem os próprios poemas
 me deleitam. Vós mesmos, ó bosques, retirai-vos.
 Os nossos esforços não conseguirão mudá-lo,⁶
 65 nem mesmo se no meio do frio bebermos do Hebro
 e caminharmos nas neves do aquoso Inverno dos Sítones,
 nem se, quando a casca do alto ulmeiro seca e morre,
 guiarmos as ovelhas dos Etíopes sob o astro do Caranguejo.
 Tudo o Amor vence, e nós rendamo-nos ao Amor.”
 70 Será suficiente, divinas Piérides, o que cantou o vosso poeta
 enquanto, sentado, entretecia um cestinho de fino hibisco.
 Vós tornareis tudo isto do maior valor para Galo,
 Galo, por quem tanto cresce, a cada hora que passa, o meu amor
 quanto ao despontar da Primavera vai crescendo o verde amieiro.
 75 Levantemo-nos. A sombra costuma fazer mal a quem canta.
 A sombra do zimbro faz mal, as sombras estragam as colheitas.
 Ide saciadas para casa, chega o Héspero. Ide, cabrinhas.

³ Alusão à poesia de Eufóron de Cálcis (séc. III a.C.).

⁴ Teócrito.

⁵ Amor.

⁶ Ou seja, mudar o deus Amor.

Glossário

- Adónis:** jovem de grande beleza, filho de Cíneas e Mirra. Após a sua morte, metamorfoseou-se em flor (X 18).
- Aganipe:** fonte consagrada às Musas no monte Hélicon, na Beócia (X 12).
- Alcides:** patronímico de Hércules, derivado do nome do avô, Alceu (VII 61).
- Alcimedonte:** personagem anónima sem outra atestação na poesia pastoril (III 37, 44).
- Alcipe:** nome com origem em Teócrito. Juntamente com Fílis, são as esposas de Córidon e Tírsis (VII 14).
- Álcon:** provavelmente um pastor (V 11).
- Aléxis:** pastor alvo da paixão de Córidon na *Bucólica* II (II 1, 6, 19, 56, 65, 73, V 86, VII 55).
- Alfesibeu:** nome de um pastor. Em grego, o nome poderá derivar de *alphesiboios*, “engorda de gado” (V 73, VIII 1, 5, 63).
- Alpes:** montanhas (X 47).
- Amarílis:** nome com origem em Teócrito, significa “brilhante” (do grego *amarussein*) (I 5, 30, 36, II 14, 52, III 81, VIII 101, IX 22).
- Amintas:** provavelmente um pastor (II 35, 39, III 66, 74, 83, V 8, 15, 18, X 37-38, 41).

Amor: personificação (VIII 43, 47, X 28-29, 69).
 Anfíon: músico e poeta, filho de Júpiter (II 23).
 Antígenes: pastor, personagem real na poesia de Teócrito (V 88).
 Aónia: nome antigo que designa a Beócia, no centro da Grécia, onde se situa o monte Hélicon (VI 65, X 12).
 Apolo: filho de Júpiter e Latona, deus da música, da poesia e da medicina, também designado Febo (III 104, IV 10, 57, V 35, VI 73, X 21).
 Aquiles: filho de Tétis e Peleu, rei da Ftia, na Tessália, o grande herói grego da guerra de Tróia (IV 36).
 Aracinto: montanhas na Etólia, no centro da Grécia (II 24).
 Árar: principal afluente do rio Ródano, hoje o Saône (I 62).
 Árcades: habitantes da Arcádia (X 31-32).
 Arcádia: região no centro do Peloponeso, na Grécia (IV 58-59, VII 4, 25, X 26).
 Aretusa: ninfa amada pelo rio Alfeu, na Arcádia. Metamorfoseada em rio, corria da Arcádia por baixo do mar até à ilha de Ogígia, em Siracusa, donde saía em fonte (X 1).
 Argo: nau que transportou Jasão e os argonautas (IV 34).
 Aríon: poeta e músico. Conta o mito que Aríon, atirado ao mar, foi salvo por um golfinho que, encantado pela sua música, o levou até à costa (VIII 56).
 Ariúσιο: região a norte na ilha de Quios, na Grécia (V 71).
 Arménia: região da Ásia Menor, a sul do Cáucaso (V 29).
 Ascra: localidade da Beócia, no centro da Grécia, pátria do poeta grego Hesíodo (VI 70).
 Atalanta: caçadora e hábil na corrida, foi vencida por Hipómenes, que lhe atirou uma maçã de ouro (VI 61).
 Austro: vento do sul, em geral pouco salubre (II 59, V 82).
 Baco: deus do vinho, filho de Júpiter e de Sêmele (V 30, 69, 79).
 Bávio: poeta contemporâneo de Vergílio (III 90).

Bianor: Sérvio identifica-o com Ocno, fundador mítico de Mântua (IX 60).
 Bóreas: vento do norte, por vezes identificado com o Aquilão (VII 51).
 Britanos: habitantes da Grã-Bretanha; para os romanos, os habitantes da região mais extrema do mundo (I 66).
 Cálcis: principal cidade da Eubeia, na Grécia (X 50).
 Calíope: musa da poesia épica (IV 57).
 Camenas: equivalente latino das Musas da mitologia grega (III 59).
 Caónia: região do Epiro, na Grécia (IX 13).
 Caranguejo: constelação (X 68).
 Cáucaso: série de montanhas que se estende entre o mar Negro e o mar Cáspio (VI 42).
 Ceres: deusa da agricultura, em especial dos cereais, irmã de Júpiter (V 79).
 César: Gaio Júlio César, político, general, intelectual romano; pai adoptivo de Octaviano, futuro imperador Augusto (IX 47).
 Cidoneia: cidade em Creta, famosa pelos seus arqueiros (X 59).
 Cila: filha de Niso, rei de Mégara. Metamorfoseou-se num dos mais famosos monstros da Antiguidade, com cães que lhe saíam da cintura e que faziam os navegantes naufragar (VI 74).
 Cina: Hélio Cina, poeta romano da primeira metade do século I a.C. (IX 35).
 Cíntio: epíteto de Apolo, que nasceu no monte Cinto, em Delos (VI 3).
 Circe: feiticeira, filha do Sol (VIII 70).
 Cirno: relativo à Córsega (IX 30).
 Cítia: extensa região a norte do mar Negro (I 65).
 Codro: nome sem atestação na poesia pastoril anterior a Vergílio. Na *Bucólica* VII é um poeta rival (V 11, VII 22, 26).

Cónon: famoso matemático e astrónomo grego do século III a.C. (III 40).

Córidon: pastor e também poeta, aparece já na poesia pastoril de Teócrito (II 1, 56, 65, 69, V 86, VII 2-3, 16, 20, 40, 70).

Cremona: cidade a cerca de 60 quilómetros de Mântua, também vítima de expropriações (IX 28).

Crómis: pastor e cantor que aparece já no *Idílio* I de Teócrito (VI 13).

Cumas: cidade da Campânia, famosa pela Sibila (IV 4).

Cupido: deus do amor, filho de Vénus (VIII 49). Cf. Amor.

Dáfnis: arquétipo do pastor ideal, filho de Hermes e de uma ninfa (II 26, III 13, V 20, 25, 27, 29-30, 41, 43, 48, 51-52, 56, 61, 66, VII 1, 7, VIII 68, 72, 76, 79, 81, 83-85, 90, 93-94, 100, 103-104, 109, IX 46, 50).

Dametas: nome de um pastor. Surge em Teócrito e tem várias ocorrências na poesia pastoril de Vergílio (II 37, 39, III 1, 58, V 72).

Dámon: pastor e cantor (III 17, 23, VIII 1, 5, 16, 62).

Dardânio: designação dos troianos, derivada de Dárdano, rei de Tróia (II 61).

Délia: provavelmente a companheira de Menalcas na *Bucólica* III. É também o epíteto da deusa Diana (III 67, VII 29).

Dicte: monte em Creta (VI 56).

Dione: mãe de Vénus, de cuja linhagem descende Júlio César (IX 47).

Dirce: esposa de Lico e sacerdotisa de Baco (II 23).

Dóris: esposa de Nereu e mãe das Nereides, personificando o mar; mãe de Galateia (X 5).

Dríades: ninfas dos bosques (V 59).

Dulíquio: ilha do mar Jónio, vizinha a Ítaca, parte dos domínios de Ulisses. Por “naus de Dulíquio” entende-se os navios de Ulisses na sua viagem de regresso de Tróia (VI 76).

Egle: “a brilhante”. Nome comum para as ninfas (VI 20-21).

Égon: pastor cujo nome está etimologicamente relacionado com cabra (*aix*, em grego) (III 2, V 72).

Estímicon: personagem incerta, talvez um contemporâneo de Vergílio (V 55).

Eta: montanha no sul da Tessália (VIII 30).

Etiópes: habitantes da Etiópia, região em África, a sul do Egipto (X 68).

Eurotas: rio da Lacónia, em Esparta, onde havia um templo dedicado a Apolo (VI 82).

Faetonte: filho do Sol e de Clímene (VI 62).

Fauno: divindade romana dos campos e da vida silvestre (VI 27).

Febo: “brilhante”, epíteto de Apolo e, por vezes, nome equivalente (III 62, V 9, 66, VI 12, 29, 66, 82, VII 23, 62, 64).

Fílis: nome com origem em Teócrito (III 76, 78, 107, V 10, VII 14, 59, 63, X 37, 41).

Filomela: filha de Pandíon e irmã de Procne, metamorfoseada em rouxinol (VI 79).

Galateia: ninfa marinha, filha de Nereu e de Dóris (I 30-31, III 64, 72, VII 37, IX 39).

Galo: Gaio Cornélio Galo, poeta contemporâneo de Vergílio. Após cair em desgraça junto de Augusto, foi forçado a suicidar-se (VI 64, X 2-3, 6, 10, 22, 72-73).

Garamantes: povo da Líbia, no limite do mundo conhecido pelos romanos (VIII 44).

Germânia: vasta região que se estendia do rio Reno às florestas da actual Rússia (I 62).

Gortina: cidade de Creta (VI 60).

Grineu: o bosque de Grineu ficava na Eólia, na Ásia Menor, e era dedicado a Apolo (VI 72).

- Hamadriades: ninfas dos carvalhos ou das árvores (X 62).
- Hebro: rio na Trácia (X 65).
- Hércules: herói, mais tarde divinizado, filho de Júpiter e de Alcmena (IV 63).
- Hespérides: ninfas que viviam no extremo ocidental da terra guardando um pomar de maçãs de ouro (VI 61).
- Héspero (cf. Vésper): planeta Vénus quando é visível à tarde, depois do pôr do sol (VIII 30, X 77).
- Hibla: monte da Sicília, nas encostas do Etna (I 54, VII 37).
- Hilas: participante na expedição dos argonautas (VI 43-44).
- Hílix: nome de um cão. Em grego, *bulaktein* significa ladrar (VIII 107).
- Iaco: deus cuja imagem dirige a procissão dos iniciados nos Mistérios de Elêusis. Por vezes é identificado com Baco (VI 15, VII 61).
- Ilíria: região costeira do mar Adriático em frente à península Itálica (VIII 7).
- Iolas: talvez o *diues amator* (amante rico) de Aléxis na *Bucólica* II (II 57, III 76, 79).
- Ísmaro: monte da Trácia (VI 30).
- Jacinto: filho de Amiclas, amado por Apolo, metamorfoseado em flor (III 106).
- Júpiter: rei dos deuses, filho de Saturno, irmão e esposo de Juno. É a personificação da chuva (III 60, IV 49, VII 60).
- Líber: divindade itálica da vinha, é associado a Baco (VII 58).
- Libétrides: ninfas que viviam em Libetro, no monte Hélicon (VII 21).
- Liceu: o monte dos lobos; monte da Arcádia, no Peloponeso (Grécia), região de pastores e do deus Pã (X 15).

- Lícidas: nome de um dos intervenientes do *Idílio* VII de Teócrito e um dos protagonistas da *Bucólica* IX (VII 67, IX 2, 11, 37).
- Licisca: nome de um cão. Segundo Plínio-o-Velho, é uma raça que resulta do cruzamento de cães com lobos (III 18).
- Licóris: amada de Gaio Cornélio Galo. Licóris será um pseudónimo formado a partir de *Lycoreus*, um epíteto de Apolo (X 22, 42).
- Licto: importante colónia dórica em Creta (V 72).
- Lino: filho de Apolo e da musa Urânia, foi mestre de Orfeu na música (IV 56-57, VI 67).
- Lúcifer: o astro da manhã, ou seja, o planeta Vénus (VIII 17).
- Lucina: divindade relacionada com os partos (IV 10).
- Mântua: cidade natal do poeta Vergílio, perto de Milão (IX 27-28).
- Marte: deus da guerra, filho de Júpiter (IX 12, X 44).
- Melibeu: pastor presente em algumas das *Bucólicas*, sobretudo na primeira (I 6, 19, 42, 73, III 1, V 87, VII 9).
- Menalcas: nome de um pastor participante em várias *Bucólicas* (II 15, III 13, 58, V 4, 64, 90, IX 10, 16, 18, 55, X 20).
- Ménalo: montanha na Arcádia (VIII 21-22, 25, 28a, 31, 36, 42, 46, 51, 57, 61, X 14, 55).
- Méris: na *Bucólica* VIII aparece como um feiticeiro; na *Bucólica* IX é um agricultor que perde as suas terras (VIII 95, 97, IX 1, 16, 54, 61).
- Mévio: poeta contemporâneo de Vergílio. É escarnecido por Horácio no *Epodo* X (III 90).
- Mícon: talvez um pastor (III 11, VII 29).
- Míncio: rio que nasce nos Alpes. Forma o lago Garda e desagua no rio Pó (VII 12).
- Mnasilo: talvez um pastor (VI 13).
- Mopso: talvez um poeta contemporâneo de Vergílio (V 1, 10, VIII 26, 29).

Náiades: ninfas da água, divindades das fontes e dos rios (II 46, VI 21, X 10).

Neera: uma das ninfas (III 4).

Nereu: deus do mar, esposo de Dóris (VI 35, VII 37).

Ninfas: divindades menores, que habitavam nos bosques, fontes e campos (II 45, V 75, VI 55-56, VII 21, IX 19, X 55).

Nisa: lugar lendário na Índia, onde as ninfas locais criaram Baco; Nisa seria também o nome da ninfa que foi ama de Baco (VIII 18, 26).

Niso: filho de Pandíon, rei de Mégara e pai de Cila (VI 74).

Oaxes: rio de origem controversa, talvez o Amu-darya, que desagua no mar de Aral (I 65).

Octaviano: Gaio Octávio (63 a.C.-14 d.C.), filho adoptivo de Júlio César (passando a chamar-se Gaio Júlio César Octaviano, e ganhando em 27 a.C. o título de Augusto), foi o primeiro governante do chamado Império Romano (I 42).

Olimpo: montanha entre a Tessália e a Macedónia, lendária morada dos deuses (V 57, VI 86).

Orfeu: poeta da Trácia e esposo de Eurídice. Com o seu cantar, os animais selvagens e os próprios bosques seguiam atrás dele em cortejo (III 46, IV 55, 57, VI 30, VIII 55-56).

Pã: deus dos bosques e dos rebanhos (II 31-33, IV 58-59, V 59, VIII 24, X 26).

Palas: epíteto da deusa grega Atena, Minerva em Roma (II 61).

Palémon: nome de origem não bucólica, antes associado ao mar. Na *Bucólica* III desempenha a função de árbitro na competição poética (III 50, 53).

Pales: divindade protectora dos rebanhos e das manadas. A sua festa, os *Parilia*, era celebrada no dia 21 de Abril (data da fundação de Roma), onde se acendiam fogueiras que os pastores saltavam (V 35).

Parcas: as três deusas do destino, Cloto, Láquesis e Átropo (IV 47).

Páris: filho de Príamo e de Hécuba, raptor de Helena (II 61).

Parnaso: monte da Fócide consagrado a Apolo e às Musas (VI 29, X 11).

Parténio: monte e bosque entre a Argólide e a Arcádia (X 57).

Partos: habitantes da Pártia, aproximadamente a parte nordeste do actual Irão (I 62, X 60).

Pasífae: filha do Sol, esposa de Minos (VI 45).

Permesse: rio que nasce da fonte Aganipe e corre no sopé do monte Hélicon (VI 64).

Piérides: musas da Piéria, na Tessália (III 85, VI 13, VIII 62, IX 33, X 70).

Pindo: monte da Tessália (X 11).

Pirra: filha de Epimeteu, esposa de Deucalião. Juntamente com o marido, sobrevive ao dilúvio universal (VI 41).

Polião: Gaio Asínio Polião, general, político e escritor contemporâneo de Vergílio (III 84, 86, 88, IV 12).

Ponto: região da Ásia Menor, correspondendo em geral à parte noroeste da actual Turquia (VIII 96).

Prétides: filhas de Preto, rei de Argos, curadas por Melampo do desvario de serem vacas (VI 48).

Preto: rei de Argos (VI 48).

Priapo: deus da procriação e da fecundidade, dos jardins e dos vinhedos (VII 33).

Prometeu: filho do titã Jápeto, pai de Deucalião (VI 42).

Reno: rio na Germânia (X 47).

Ródope: montanha na Trácia (VI 30, VIII 43).

Roma: cidade no Lácio, capital do império (I 19, 26).

Sardenha: ilha do mar Mediterrâneo (VII 41).

Sátiros: divindades campestres do séquito de Baco (V 73).

- Saturno: soberano do mundo antes de Júpiter; pai de Júpiter, Juno, Neptuno e Plutão (IV 6, VI 42).
- Sicília: ilha do Mediterrâneo (II 21, IV 1, X 4).
- Sileno: sátiro, ancião ébrio do séquito de Baco (VI 14).
- Silvano: divindade romana dos campos (X 24).
- Sítones: povo da Trácia (X 66).
- Sófocles: tragediógrafo grego do séc. V a.C., autor da famosa peça *Rei Édipo* (VIII 10).
- Talia: uma das nove musas, consagrada à comédia e à poesia ligeira (VI 2).
- Tereu: rei da Trácia, esposo de Procne. Violou Filomela, irmã de Procne, e cortou-lhe a língua para que não o denunciasse. Quando as duas irmãs se reúnem, matam e cozinham o filho Ítis e servem-no ao pai. Os deuses transformaram-no em poupa (VI 78).
- Téstilis: referida em vários poemas, no *Idílio* II de Teócrito desempenha o papel de ajudante no ritual de magia (II 11, 43).
- Tétis: ninfa do mar, filha de Nereu e de Dóris (IV 32).
- Tífis: timoneiro na expedição dos Argonautas (IV 34).
- Tigre: rio da Mesopotâmia (I 62).
- Timavo: rio do nordeste de Itália, desagua perto de Trieste (VIII 6).
- Tírsis: nome de um pastor (VII 2, 16, 20, 69).
- Títiro: nome com origem em Teócrito. Um dos pastores protagonistas da *Bucólica* I (I 1, 4, 13, 18, 38, III 20, 96, V 12, VI 4, VIII 55, IX 23-24).
- Tmaro: monte do Epiro (VIII 43).
- Trácia: região nordeste da Grécia, compreendendo a Macedónia Grega, a Macedónia do Norte e parte da Bulgária (IV 55).
- Tróia: cidade na Frígia, junto ao estreito de Dardanelos, geralmente identificada com Hissarlik, na Turquia (IV 36).

- Ulisses: herói da guerra de Tróia, esposo de Penélope (VIII 70).
- Vário: Lúcio Vário Rufo, poeta contemporâneo de Vergílio, autor da tragédia *Tiestes*, hoje perdida (IX 35).
- Varo: Públio Alfenio Varo, terá sucedido a Asínio Polião no governo da Gália Cisalpina e estudou com Vergílio em Roma (VI 7, 10, 12, IX 27).
- Vénus: deusa do amor, mãe de Cupido e esposa de Vulcano (III 68, VII 62).
- Vésper (cf. Héspero): planeta Vénus quando é visível à tarde, depois do pôr do sol (VI 85).
- Virgem: alusão à deusa Justiça, que habitou na terra durante a Idade de Ouro (IV 6).
- Zéfiro: vento de oeste, geralmente considerado brando e suave (V 5).

Acabou de imprimir-se
em Outubro de 2019
na Pentaedro

DEPÓSITO LEGAL 463464/19



www.livroskotovia.pt

Vergílio

Bucólicas



Bucólicas, primeiro trabalho da maturidade poética de Vergílio, são uma das obras mais influentes do chamado Século Augusto. Tornado livro de escola desde cedo, marcaram o seu tempo e os séculos seguintes, e foram inspiração para vultos da literatura do Renascimento como Petrarca, Sannazaro e Camões. Em cenas idílicas e de cores variadas, Vergílio nos desfilam pastores e a simplicidade da vida, apela ao regresso da Idade de Ouro e presta homenagem a figuras suas contemporâneas.

Gabriel A. F. Silva é investigador no Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Licenciado em Estudos Clássicos e doutorado em Literatura Latina, tem dedicado a sua investigação ao estudo da magia na Antiquidade, nomeadamente em Vergílio, Ovídio e nos poetas elegíacos. Traduziu *Georgicas* de Vergílio e, em parceria, a *Édica* de Lucano.